

_mercado produtor de Cataguases:
reconhecimento e ensaios

Trabalho Final de Graduação 2,
apresentado à Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
pela aluna Leticia Ribeiro Sasso,
orientada pela professora Maria
Cristina Nascentes Cabral.



“Não há nada como regressar a um lugar que está igual para descobrir o quanto a gente mudou.”

Nelson Mandela, 1995

considerações iniciais

A cada tentativa, torna-se cada vez mais difícil precisar quando, na minha percepção, Cataguases transmuta de lar para objeto de estudo. Nascida em Dona Euzébia, município vizinho e comercialmente dependente da cidade, convivi e vivenciei Cataguases, a cada rua, praça, edifício e paisagens, diariamente até minha mudança para o Rio de Janeiro. As experiências e sensações daquela época certamente estão inclusas na bagagem e nas percepções que fizeram parte da leitura desta cidade – durante muito tempo inconscientemente – e agora retomadas neste trabalho.

A cidade, que já ocupou diferentes visões no meu imaginário, a cada visita se apresenta de uma nova maneira e sob um novo olhar. O exercício de estudar as cidades e as mudanças pessoais adquiridas durante o período de graduação na FAU-UFRJ, me fizeram enxergar em Cataguases, a necessidade de transformação. De certa forma, este trabalho é uma maneira de contribuir com um lugar tão querido, um retorno, onde me reinsiro como cidadã e como universidade.

Imagem 02: Mapa de localização. Fonte: Acervo pessoal



agradecimentos

Este trabalho foi construído por muitos corações em luta. Um sonho que não era apenas meu. Direta e indiretamente várias pessoas ajudaram a dar forma e conteúdo a este projeto e eu não poderia deixar de agradecê-las.

A Deus, que permitiu que tudo isso fosse possível e pelo amparo em todos os momentos em que me senti sozinha e incapaz.

Aos meus pais e minha família, por me ensinarem bons princípios e pelo apoio incondicional durante toda a minha graduação e formação profissional.

As minhas amigas, por todas incertezas e alegrias compartilhadas, pelo apoio ao longo dos anos em que a presença muitas vezes foi falha e houveram abdicções em prol deste sonho.

Ao Lucas, por estar comigo desde o princípio, por trazer calma e paz em todas as tempestades, por me ensinar sobre amor e sobre a vida todos os dias.

Aos amigos que fiz no Rio de Janeiro e na UFRJ, que foram minha família durante esses cinco anos.

A Maria Cristina, pela orientação cuidadosa e desafiadora em meio à um período remoto, curto e em plena pandemia. Obrigada pela compreensão e apoio.

Por fim, à banca examinadora, Ana Paula e Elisabete, por aceitarem o convite e pela rica contribuição.

resumo

Cataguases, município da Zona da Mata Mineira, ambicionava ser moderna desde o século XIX e, ao longo dos anos, mostrou-se capaz de construir uma paisagem urbana dotada de valores arquitetônicos, urbanos e culturais que a singularizam. Com o crescimento e mudança nas lógicas sociais, políticas e de produção, a cidade perdeu a libido pelas transformações e iniciou seu período de dormência. Cataguases, assim como a maioria das cidades contemporâneas, enfrentam problemáticas que afetam a dinâmica urbana e impactam negativamente a experiência do usuário nos espaços públicos.

O Mercado Produtor e seu entorno, por já apresentarem identificação cultural e criação de memória afetiva com a sociedade, apresenta grande potencial para intervenção com objetivo de oferecer um novo espaço de lazer na cidade. A proximidade com o centro histórico e

preservado ressalta o potencial como atrator local, além de oferecer a possibilidade de resgatar a relação perdida da cidade com o ribeirão Meia Pataca, ao criar um ponto turístico com vocação ambiental-educativa. Há uma preocupação em reservar e priorizar o turismo local e manter os usuários atuais atraindo novos, com cuidado para a não “gourmetização” do Mercado e de seus frequentadores.

Palavras-chave:

Cataguases – Paisagem – Cultura – Urbanização.

sumário

	Introdução	08
I	O Lugar Cataguases	18
	Caminhos do Ouro	19
	A chegada da Ferrovia	21
	Manifestações Modernistas	29
	Cataguases: uma cid. Cenográfica	41
	Considerações	44
II	O Mercado Produtor	45
	O Mercado e Cataguases	46
	O Mercado e o Cataguasense	53
	Diagnóstico	56
IV	Reconhecimento e a Nova Imagem	60
	Referências	61
	Diretrizes	69
	O ensaio	73
	O edifício	83
	Bibliografia	90

introdução

O processo de formação de Cataguases mostra-se dinâmico e efervescente, a construção do patrimônio cultural e suas manifestações, apesar de hoje estarem adormecidas, têm lugar na urbanidade, nela se refletem e dela se alimentam. Ao transitar pelas ruas do centro histórico e poligonal tombada de Cataguases, nota-se uma atmosfera diferente do que se espera de uma cidade do interior mineiro. A paisagem urbana confere identidade cultural e logo sugere uma atração pelas artes modernas e pelos valores qualitativos dos espaços, tanto na esfera privada quanto nos espaços e edifícios públicos. Por muitos anos, alinhada às “tendências” nacionais, Cataguases se revelou como uma cidade que ambicionava ser “moderna” desde o século XIX. Com o crescimento e mudança nas lógicas sociais, políticas e de produção, a cidade perdeu a libido pelas transformações e iniciou seu período de dormência.

Cataguases, assim como a maioria das cidades contemporâneas, enfrentam problemáticas que afetam a dinâmica urbana e impactam negativamente a experiência do usuário nos espaços públicos. BORDE (2006) aponta que o processo de surgimento e desenvolvimento de espaços subutilizados nas cidades pode ser compreendido como fatores inerentes à era contemporânea por conta das transformações socioeconômicas que modificam as estruturas cidadinas de forma contínua. Espaços públicos subutilizados, ou “terrain vague” como chamaria SOLÁ-MORALES (2002), podem ser entendidos como as áreas públicas no tecido urbano que são vazios de ação, abandonados, estagnados ou desarticulados, e, conseqüentemente, não cumprem sua função pública de serem lugares de comunalidade.

Aliado ao entendimento do vazio como oportunidade de atuação na cidade, o modo de intervenção sobre a paisagem tem se mostrado cada vez mais fragmentado. A constituição e produção de novos espaços urbanos têm sido caracterizadas por um processo que gera paisagens indistintas, hegemônicas e sem relação com as

particularidades locais. De acordo com Corrêa¹ “(...) a arquitetura dos novos bairros e dos centros comerciais e financeiros das cidades europeias, americanas e brasileiras (...)” se torna semelhante “(...) pela uniformidade, homogeneidade, repetição e neutralidade cultural e estética ditada por princípios arquitetônicos submetidos aos ciclos do capital e da moda. Nem a ação pontual, lote a lote, edificação por edificação, poderia garantir a qualidade do conjunto, uma vez que, até os Planos Diretores e Legislação das cidades têm o mesmo tipo de ação ordenatória e fragmentada, onde a paisagem é um resultado incerto. Em uma cidade como Cataguases, onde o Patrimônio Cultural torna-se um elemento fundamental para a diferenciação da imagem da cidade, é preciso, de antemão, entender seus processos de formação e episódios importantes antes de se propor qualquer intervenção.

A demanda por espaços públicos qualificados é um fato. Potencializado, principalmente, durante este período de pandemia da covid-19, que trouxe profundas conseqüências na vida urbana, colocando em questão a importância das áreas verdes e dos espaços urbanos. Ressaltando a necessidade de ampliar as oportunidades de acesso a áreas verdes para todos os segmentos sociais. Além disso, é preciso criar qualidade urbana através daquilo que é significativo para a comunidade, valorizando as referências coletivas, redescobrimo os lugares de memória. A ambiência urbana, ao ser considerada como componente cultural, pode gerar retornos dos mais diversos tipos, tendo em vista sua influência sob todas as áreas da sociedade. (KROPF, 2014) Sem a valorização da cultura, as cidades não podem ser espaços dinâmicos de vida e seriam reduzidas a simples construções de concreto e aço em um ambiente social deteriorado.

Urbanizar e qualificar o entorno do Mercado Produtor, frequentado diariamente por muitos e vivenciado por poucos ou quase nenhum usuário, estimula que o cataguasense se acerque do

¹ CORRÊA, Elyane Lins. As últimas ruínas. In CORRÊA, Elyane Lins; GOMES, Marco Aurélio Filgueiras (Org). Reconceituações Contemporâneas do Patrimônio. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 67-99.

meio em que vive. As diretrizes de intervenção a serem propostas, mais do que uma resposta, uma solução estática, pronta, definitiva para o Mercado e seu entorno, vem como um elemento provocador, tentando-se fazer um catalizador capaz de estimular a discussão acerca da cidade e da participação do cidadão na sua produção, evidenciando a necessidade de que os olhares se voltem para o espaço urbano e para a importância da sua construção enquanto espaço de ação e de formação da sociedade. Viver em contato com estes elementos urbanos permite construir o legado cultural e uma sensação de continuidade - no caso de Cataguases, do passado aclamado - sem deixar de vivenciar o presente.

o objeto de estudo

O recorte estabelecido para estudo neste trabalho está localizado na região pericentral de Cataguases, distando menos de quinhentos metros dos limites da poligonal tombada e do centro da cidade. Inserido em uma área ao longo do Ribeirão Meia Pataca e da Estrada de Ferro Leopoldina, o entorno do Mercado Produtor, pode ser considerado um resíduo de todas as transformações vividas pela cidade. Os constantes episódios de negligência tornaram o espaço obsoleto e, por consequência, vazio e derrelito.

A área conforma uma aparente fronteira entre o centro e a periferia, deixando visíveis as diferenças de ambiências e as rupturas na continuidade da paisagem urbana. Devido ao fluxo intenso apenas em um curto período do dia e por não oferecer espaços de permanência, tornou-se um espaço subutilizado com características industrial e fabril, destinado ao sucateamento. Apesar de um diagnóstico inicial desagradável, observando o Mercado com olhares sensíveis, pode-se perceber que o ambiente é dotado de memória afetiva e a área possui grande potencial urbanístico e paisagístico. Devido à proximidade e localização estratégica, a área possui potencial de conexão e articulação do espaço urbano. Além da demanda por espaços públicos, é preciso criar na cidade ambientes inspiradores. O entorno do Mercado, margeando o rio e com vegetação abundante e projeto urbano, podem enfatizar os aspectos imaginativos e lúdicos, ativando o espaço e o reaproximando das pessoas.





Objetivos

Os objetivos deste trabalho vão de encontro com o entendimento do espaço urbano como palco de manifestação da cultura e a busca pela compreensão dos modos de vida da sociedade contemporânea, visando a criação de um espaço que dialogue com a lógica atual. Pretende-se transformar o espaço do Mercado Produtor em um ambiente de trocas e permeabilidade, que permita reaproximar a sociedade e gerar novas relações mais humanas e sustentáveis. Reafirmando e reconhecendo-o como um espaço urbano qualificado e dotado de potencialidades sociais e econômicas, beneficiando tanto a região pericentral quanto a periferia.

Metodologia

Partindo do pressuposto que esta pesquisa deveria acontecer em Cataguases, a metodologia surge do reconhecimento de uma problemática relevância para o TFG1. Depois de algumas análises e observações pessoais da cidade, define-se que o objeto de estudo será o Mercado Produtor e seu entorno. A partir de uma pesquisa bibliográfica e documental referente a história e desenvolvimento urbano da cidade, busca-se entender seu processo de formação urbano e realizar uma análise acerca da função e importância do singular aspecto visual para sua preservação e manutenção de Cataguases como um lugar de memória.

Através do reconhecimento e identificação dos valores que caracterizam a autenticidade da imagem urbana da cidade e entendimento de sua ambiência, irá se definir as diretrizes de intervenção no Mercado. Para tal, serão consultadas diversas fontes, o dossiê do Tombamento, teses e dissertações, livros, jornais, fotografias e outros arquivos. Para apoiar as análises, também se estudará os conceitos de ambiência, paisagem urbana e

lugar de memória. As visitas de campo também serão efetuadas, contribuindo para a elaboração de material fotográfico e análise formal.

Levando em consideração a importância das referências para a construção e solidificação da temática escolhida, seleciona-se estudos de caso com assuntos similares ao objeto de estudo deste Trabalho Final de Graduação, com intuito de referenciar os conceitos e metodologias aplicadas nos casos.

Tendo todo o material de embasamento definido, parte-se para o entendimento do contexto de intervenção. Realiza-se uma análise da área em três etapas: a primeira relacionada aos aspectos funcionais, onde serão mapeadas as características de uso do solo, os parâmetros urbanísticos vigentes, circulação e fluxo de pessoas e informações sobre mobilidade e vias. A segunda etapa relaciona-se aos aspectos ambientais e paisagísticos, recolhendo informações sobre o clima, cobertura vegetal, as frequentes inundações da área associadas ao assoreamento do leito do Ribeirão Meia Pataca e os potenciais paisagísticos do recorte de estudo. Com os resultados das duas etapas de análise da área cria-se um diagnóstico de necessidades a serem resolvidas e potencialidades a serem exploradas. A terceira etapa inclui uma subdivisão do entorno e realização de cortes para entender os aspectos arquitetônicos e urbanísticos da configuração atual.

Por fim, já munida do diagnóstico sobre a cidade e a área de intervenção, propõe-se algumas diretrizes urbanísticas para o entorno, abordando os principais temas e carências observados, visando sua valorização como referência urbana. Tornando-o uma área estratégica dentro da cidade, que atenda às necessidades da população e “amenize” a brusca transição entre as ambiências do centro e periferia.

Aporte teórico

Paisagem. Uma palavra com muitos conceitos e interpretações. A partir do século XX o termo foi sendo desconsiderado pelas artes, deixando de ser o território legítimo dos artistas, reafirmando-se na pluralidade e polissemia conceitual apresenta-se como tema abordado em várias disciplinas, que nem sempre dialogam entre si, fazendo com que cada uma o utilize segundo seus próprios entendimentos. Segundo Chantal Blanc-Pamard & Jean-Pierre Raison (1896, p.130 apud Freitas p. 8):

“se um geógrafo, um historiador, um arquiteto se debruçarem sobre a mesma paisagem, o resultado dos seus trabalhos e a maneira de os conduzir serão diferentes, segundo o ângulo de visão de cada um dos que a examinam.” (1896, p.130 apud Freitas p. 8)

A liberdade relacionada às definições teórico-metodológicas do termo torna necessária a explicitação dos pressupostos eleitos para estudo. Leva-se em consideração um importante aspecto presente nos debates contemporâneos: a utilização da paisagem urbana e do Patrimônio Cultural como premissas para intervenções no espaço urbano das cidades. Paisagens singulares se constituem em patrimônios culturais, na medida em que fazem parte do cotidiano e estão presentes nas representações sociais. No Brasil, desde os anos 1930, a paisagem se constitui em Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, caracterizada como um bem sujeito a tombamento quando considerada monumento natural ou construído. O Estatuto da Cidade ratifica a elevação da paisagem à categoria de monumento, o que lhe confere o caráter indiscutível de patrimônio, na medida em que a cita

¹ CORRÊA, Elyane Lins. As últimas ruínas. In CORRÊA, Elyane Lins; GOMES, Marco Aurélio Filgueiras (Org). Reconceituações Contemporâneas do Patrimônio. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 67-99.

em seus artigos, relacionando sua preservação e proteção à qualidade de vida da população. (NOBRE, 2007)

Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da História do Brasil, quer por seu valor excepcional, valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.(...) Equiparam-se aos bens a que se refere o presente artigo e são também sujeitos a tombamento os monumentos naturais, bem como os sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana.(MACHADO, 1991, p. 526).

Porém, com a velocidade das evoluções tecnológicas e a facilidade das trocas de informações, no que diz respeito à produção de novos espaços urbanos, estes têm sido caracterizados por um processo que cria paisagens indistintas, hegemônicas e sem relação com as particularidades locais. A paisagem não pode mais associar-se à região, resultando em espaços sem identidade, definidos como não-lugares². O que reforça ainda mais a necessidade de se preservarem os aspectos culturais e representações sociais, lugares que configuram paisagens diferenciadas, raras em um mundo “globalizado”. A questão da paisagem e cultura urbana relaciona-se então com a questão do lugar pela problemática, já citada anteriormente, da dicotomia “global x local”, onde de um lado encontra-se uma cultura universal, baseada na homogeneidade de identidade, e de outro a singularidade de uma sociedade e sua individualidade cultural.

Mas quais seriam as peculiaridades que fazem com que um determinado lugar ou conjunto de “lugares” configurem uma paisagem singular? Segundo BACHELARD (2008), nossa imaginação trabalha a imagem dos espaços, processando valores referentes a eles e à nossa própria experiência de vida. Para o geógrafo Yi-Fu Tuan (1983), um espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado. O conceito de lugar refere-se então aos espaços que nos são familiares, que nos dão identidade própria e com os quais criamos laços afetivos. Englobando assim os aspectos sensíveis, empíricos e por vezes simbólicos, o lugar é então, a essência dos acontecimentos históricos e da complexa rede de relações urbanas, e portando abarca diversos contextos como social, histórico, político, cultural e físico.

Dito isso, podemos então dizer que a ideia de lugar está ligada ao pensamento contemporâneo acerca da paisagem e, uma vez que as relações afetivas que criamos com o espaço, as lembranças e significados que depositamos neles, são capazes de ativá-los e destacá-los dentro da cidade, criando uma paisagem distinta e singular. Desta maneira, as pessoas conferem identidade a um espaço, que por sua vez dá identidade à cidade, que reafirma a identidade coletiva, numa cadeia cíclica de identificação e reconhecimento (DANTAS, 2007).

Segundo CORRÊA (2007), a paisagem cultural expressa a cultura em seus diversos aspectos, como uma vitrine do saber, possuindo uma faceta funcional e outra simbólica. O espaço, quando transformado em lugar, também é um campo de representações simbólicas, rico em signos que cumprem a função de expressarem as estruturas sociais em suas mais diversas dimensões, onde o simbolismo ganha materialidade. Os signos contidos na paisagem são de grande importância no cotidiano das cidades, uma vez que

² De acordo com as definições de Marc Augé, “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar”

produzem marcos referenciais. Vale destacar que, a paisagem possui a importante função de alimentar a memória social, além de se caracterizar no cenário em permanente transformação, em que se desenvolve a vida. Os signos evidenciam a riqueza de abordagens com que o espaço pode ser considerado, aparecendo fragmentado num primeiro momento, porém, a justaposição de diferentes paisagens constituirá um mosaico que poderá variar, mas será inevitável, sendo uma de suas principais características.

A mancha urbana é caracterizada por variadas combinações: de planos, da evolução histórica da cidade, que envolve mudanças socioeconômicas e culturais, além de intervenções de redesenho e reconstrução urbana. A cidade deve ser compreendida como uma complexa composição estruturada de fragmentos, cada um constituindo uma porção territorial com peculiaridades próprias quanto a um conjunto de elementos ou aspectos selecionados (FREITAS, 2007). Segundo Kevin Lynch (2008), a nossa percepção da cidade não é íntegra, e sim, resultante de uma composição de fragmentos, parciais, envolvidos em outras referências compostas por lembranças e significados. O reconhecimento individual das paisagens e espaços urbanos se dá a partir da diferenciação, ou seja, a construção da noção de identidade urbana está ligada à preservação da diversidade (CARSALADE, 2007).

Através da forma urbana, pretende-se discutir as ações dos signos da paisagem de Cataguases que geram seu entendimento como lugar, espaço e território. Buscando também suas inter-relações, que são imprescindíveis para a significação e singularização de sua paisagem. O processo de formação cataguasense mostra-se dinâmico ao longo dos anos, a construção do patrimônio cultural desta sociedade e suas manifestações culturais, têm lugar na urbanidade, nela se refletem e dela se alimentam. Por este motivo, assim como

Bahia (2018, p. 19) reforça em sua tese, para entender o processo de formação da paisagem urbana singular de Cataguases é preciso assumi-la como uma construção cultural da vida civil e da sociedade no tempo. Compreendendo que o território urbano é uma espacialidade dotada de valores socioculturais próprios de cada temporalidade. O espaço é revestido da dimensão política, socioeconômica, cultural e de sentido identitário, histórico e relacional.

Imagem 05: Avenida▶
Humberto Mauro. Fonte:
Fotógrafo Rafael Aguiar.
Disponível em
<https://pt-br.facebook.com/raguiarfotografia/>
Acesso em setembro/2020





▲Imagem 06: Alegoria elétrica de Rafael Zavagli e Relmo Pereira na sede da ENERGISA. Fonte: https://www.facebook.com/Cataguases-Fotos-Imagens-621592531315384/?tn-str=k*F

CATAGUASES

“princesinha da mata”

1842

Major Vieira alavanca a produção do café

1877

o aquecimento da economia cafeeira na cidade tem como um dos rebatimentos a construção da linha férrea Leopoldina Railway

1907

a cafeicultura começa a dar lugar para a indústria. em 1905 cria-se a Cia. Força e Luz e em 1907 surge a primeira fábrica têxtil, inaugurando um novo cenário.

1931

remodações urbanas realizadas por Pedro Dutra. saneamento da cidade, distribuição de águas, zoneamento.

1940

através da iniciativa família Peixoto, detentora do capital proveniente da indústria têxtil, que se promoveu a invasão de Cataguases pela arquitetura, pelas artes plásticas, pelo design com as características do modernismo.

1994

IPHAN efetua o tombamento da cidade, estabelecendo uma poligonal de proteção do centro histórico e inclusão de alguns bens imóveis tombados individualmente.

2012

cria-se o Consórcio Intermunicipal de Cultura, que teve como objetivo principal o desenvolvimento cultural de Cataguases e região, a princípio, através do Polo Audiovisual da Zona da Mata de Minas Gerais



1828

com a chegada de Guido Thomas Marlièri surge o primeiro ordenamento territorial e primeira edificação da Igreja de Santa Rita.

1881

construção civil aquecida. nesta época surgem diversas edificações importantes: Hotel Villas, Teatro Recreio, Paço Municipal, Chácara Catarina e outros.

1920

primeira vanguarda cultural. o cinema de Humberto Mauro e a revista literária do Grupo Verde. inicia-se o processo de reconhecimento de Cataguases a nível nacional

1950-1970

as ações modernistas começaram a ser lidas, codificadas e incorporadas pela população local. Elas produziram na cidade uma espécie de vocábulos modernos, ao qual recorrem as obras modestas e anônimas que vão povoando a cidade, constituindo um interessante conjunto de construções

2019

Desde 2014 o Polo Audiovisual vem trabalhando para atrair grandes produções para a cidade, gerando trabalho, renda, e impactos econômicos na região. em 2019 recebe fundo de \$10.8 milhões para investimentos na produção audiovisual, destacando-se no setor de economia criativa de MG.

o lugar Cataguases

Para se entender a formação da paisagem singular da cidade de Cataguases é preciso conhecer seu processo de ocupação territorial e desenvolvimento, que estão atrelados com variados signos e importantes manifestações culturais. Cataguases pode ser vista como uma metáfora do lugar de encontro dos diversos lugares e tempos sociais. Lugar onde diferentes vozes se reúnem e estratégias de sobrevivência cultural, de memória e solidariedade se desenham, construindo pontos de referência para seus habitantes, fornecendo estabilidade, fazendo-os se sentir em casa.

A formação cultural da sociedade cataguasense foi reflexo de suas experiências econômicas, políticas e sociais, entre o homem e as suas manifestações no ambiente. Assim, recorrendo a uma leitura dos processos históricos contribuintes para a formação e caracterização da

paisagem urbana de Cataguases, baseados nas análises de VANUCCI (2012), identifica-se quatro momentos determinantes na construção da imagem da cidade: o primeiro está relacionado ao período da exploração aurífera, correspondendo a chegada de Guido Marlieri à cidade e à formação inicial do território de Cataguases, denominado neste trabalho como “Caminhos do Ouro”. O segundo momento, identificado no período da cafeicultura e chegada da linha férrea, determinando outra ruptura temporal nominada como “A chegada da ferrovia”. O terceiro momento compreende à época das “Manifestações modernistas” realizadas e promovidas pela Indústria.

Sendo o modernismo um dos principais fatores responsáveis pela transformação e valorização da paisagem urbana da cidade. O quarto momento dedica-se ao período

contemporâneo, onde a economia baseia-se nas consequências do retorno da sede do Grupo Energisa à cidade e nas atividades da indústria química BAUMINAS. Além disso, a cidade retoma a característica de cenário - atribuída a ela nos filmes de Humberto Mauro - com a movimentação constante das produções cinematográficas.



caminhos do ouro

▲ Imagem 08: Colagem histórica. Fonte: Acervo Pessoal.

A ocupação de Cataguases iniciou-se bem antes de os sertões do Leste formarem uma barreira natural de floresta tropical, que protegia as minas de ouro e os interesses da coroa portuguesa contra invasores. Segundo Margareth Cordeiro Franklin (2012, p.15), os primeiros habitantes foram tribos indígenas tidas como selvagens, antropófagas e hostis pelos colonizadores, que também espalhavam essa crença para manter distantes os desbravadores. Com o declínio da exploração das jazidas de ouro inicia-se o processo de colonização das regiões de Minas que ainda não haviam sido ocupadas. No início do século 19, a extração aurífera era a maior preocupação da Coroa Portuguesa que, ao temer a escoação ilegal e sonegação de impostos relativos ao ouro e diamantes encontrados, reforça o caminho que ligava as Minas e os Campos dos Goitacazes, abrindo ali uma nova estrada.

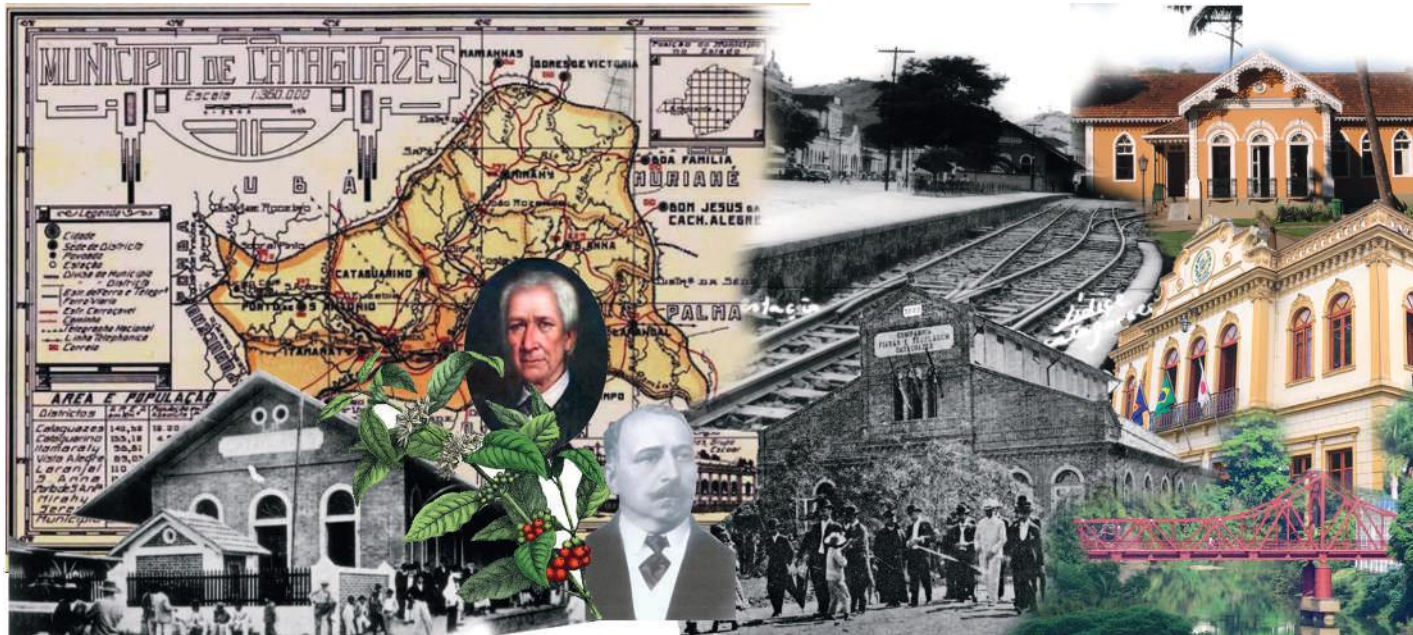
Às margens do Rio Pomba, surgiu junto a um acampamento militar, e próximo a estrada que estava se abrindo, um pequeno povoado conhecido como Porto dos Diamantes (VALVERDE, 1958). Em 1828, com a chegada do Coronel-Comandante Guido Thomaz Marlièri - inspetor dos trabalhos da estrada - surge o ordenamento inicial do povoado de Santa Rita do Porto dos Diamantes. O perímetro do terraço plano era desenhado pela colina que contrastava com a paisagem de fundo do alvéolo com os pequenos vales dos arredores. O Coronel, ao receber doações de terrenos destinados à construção de uma capela, em 26 de maio de 1828, foi o responsável por traçar as primeiras ruas e praças, estabelecendo a primeira lei de uso e ocupação do solo na cidade.

O desenho urbano³ iniciou-se no largo da Matriz de Santa Rita e no largo do Rosário, atual Praça Rui Barbosa, e desenvolveu-se por ruas praticamente ortogonais nas proximidades desses largos. A posição de implantação de Marlièri, subordinada ao Rio Pomba, possibilitou o desenvolvimento do arraial em direção às margens dos demais cursos d'água, o Ribeirão Meia Pataca e Lava-Pés.

“(...) Neste sítio mandei afinçar por este mesmo três marcos de pau, chamado marmelada, e lavrados, para evitar discussões futuras entre ele os moradores do arraial. A estrada nova atravessa este em linha reta. Delineei as ruas na distância de 50 passos de um outro ângulo da Igreja. A praça pública e o lugar futuro para o corpo da Igreja, que por ora tem senão a Capela-Mor, a fim de que se forme uma povoação bem regular, para a qual convida a sua bela localidade. Deixo os mais poderes e recomendação ao Sargento Henrique José de Azevedo para conceder terreno para casas e quintais, na projeção delineada, deixando 7 palmos de intervalo entre uma casa e outra, para serventias públicas e poder acudir a qualquer incêndio, na forma do retrocitado Diretório para a criação de arraiais em terras de índios. O diretório não concede mais de 60 palmos de frente e 100 de fundos para quintal, permitindo-o o terreno para o Reverendo Capelão, Comandante e pessoas graduadas; 50 ditos para os que são de classe média, com 80 de fundos; 40 enfim, para os mais habitantes, e 70 de fundos. Nada de quintais nas frentes, entremeados com as casas. Ninguém tem direito de edificar terreno destinado para a praça pública, a qual fica pertencendo à comunidade em geral e a ninguém em particular. E por parecer justo este arranjo aos moradores e ao Sargento doador, o qual fiz para o bem público, em virtude de meu cargo, lavrei este termo, para servir de regulador para o futuro, por mim assinado, assim como pelas pessoas presentes, ficando cópia dele depositada em mãos do já mencionado Sargento, para conhecimento e inteligência de todos. Quartel General do Porto dos Diamantes, em 26 de maio de 1828.” (IPHAN, 1994)

³ Vale ressaltar que, essa malha de ruas retas e perpendiculares com amplas praças, topografia quase plana e definida pelo rio Pomba e pelos ribeirões Meia-Pataca e Lava-Pés, é a mesma que existe hoje na cidade (SANTOS E LAGE, 2005).

a chegada da ferrovia



▲ Imagem 09: Colagem histórica. Fonte: Acervo Pessoal.

O plano urbanístico de Marliére priorizou uma ocupação ordenada e permitiu um próspero crescimento entre o povoado e a paisagem física da região. O clima quente úmido e solo fértil do povoado propiciaram o surgimento da cultura cafeeira, atraindo fazendeiros e imigrantes em busca de novas oportunidades. O Arraial Meia Pataca buscava manter relações econômicas com as poucas fazendas dos arredores, onde o comércio acontecia pelos estreitos caminhos no meio da mata. Neste momento, com a chegada dos imigrantes, entra em cena a atuação das famílias em Cataguases. Suas ações, a partir deste momento até os dias atuais, abrangem os campos políticos, econômico e cultural.

Entre essas, a participação dos Vieira de Resende que, na história de Cataguases, começa com a fundação da Fazenda da Glória. O latifundiário e Guarda-mor das minas na região, Major Vieira da Silva Pinto dirigia os interesses de um partido político filiado, de maneira rígida e disciplinada. Por meio de seus empreendimentos e influência política, contribuiu para a elevação do Arraial de Santa Rita do Meia Pataca à sede de Freguesia, em 1851. (ALMEIDA, 2004 p. 30).

Um novo aroma era levado pelas brisas ao interior das matas. Assim como a Fazenda Glória, várias fazendas produtoras de café espalharam-se pelo interior do Vale do Rio Paraíba, na Zona da Mata, definindo a plena ocupação da região da Freguesia do Meia Pataca. A produção cafeeira alavancou veemente, levando a Freguesia à emancipação política no dia 7 de setembro de 1877, tornando-se então Vila de Cataguases. No mesmo ano da implantação municipal, acontece a ligação de Cataguases ao Rio de Janeiro, a então capital do Império, pela ferrovia inglesa da Leopoldina Railway Company. Símbolo máximo dos tempos modernos, o trem transpunha, além dos limites geográficos, as distâncias simbólicas entre os velhos e os novos tempos. (FRANKLIN, 2012)

Também neste ano, Alberto Belmonte de Aguiar, engenheiro que trabalhava na construção da linha férrea Juiz de Fora-Ponte Nova,

elaborou a primeira planta oficial da cidade [Imagem 10].

A Estação Ferroviária [Imagem 11], construída além dos limites do perímetro entre o Ribeirão Meia Pataca e o Córrego Lava-Pés, marcou a nova direção de expansão e ocupação da cidade. O comércio deslocou-se para a Rua Coronel João Duarte (atual Calçadão), onde a concentração de atacadistas facilitou a comunicação e o movimento de mercadorias no novo centro urbano da Vila.

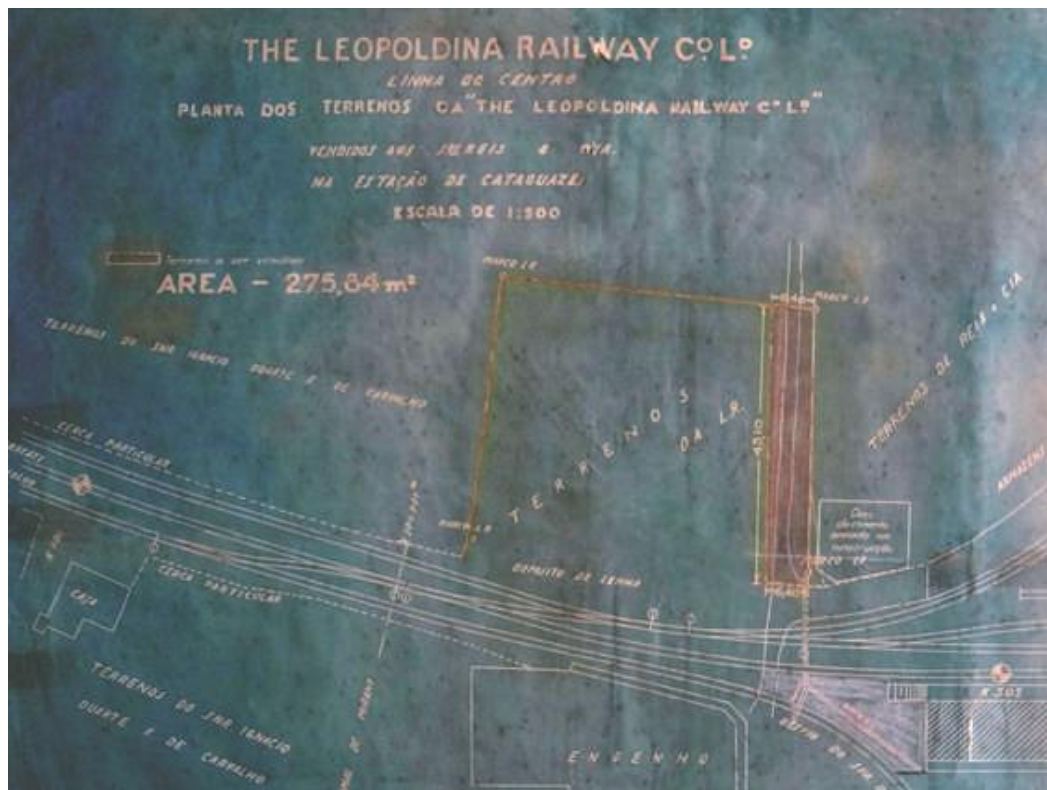


▲ Imagem 10: O traçado de Cataguases em 1878. Fonte: Memória e Patrimônio Cultural de Cataguases, volume I, 1988. DEMPHAC.



▲ Imagem 11: Estação Ferroviária de Cataguazes, atualmente Centro Cultural Eva Nil. Disponível em <<https://pt-br.facebook.com/raguiarfotografia/>> Acesso em set/2020

Imagem 12: Vila Domingos Lopes. Fonte: O Município de Cataguazes. Imprensa Oficial de Cataguazes. 1908.

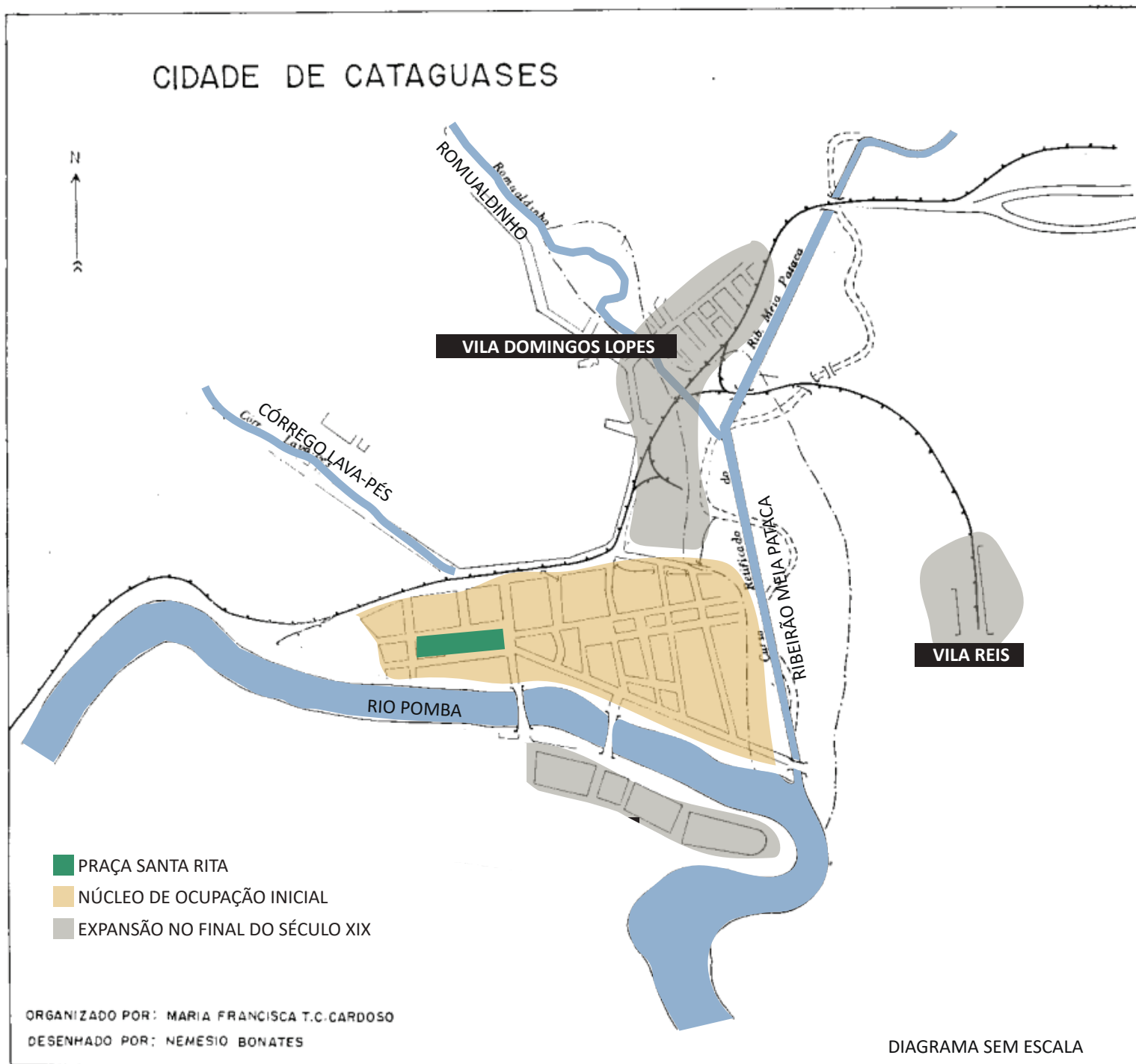


▲ Imagem 13: Terreno de Ignácio Duarte onde seria construído o Mercado. Terrenos da Leopoldina Railway, 1929. Fonte: DEMPHAC

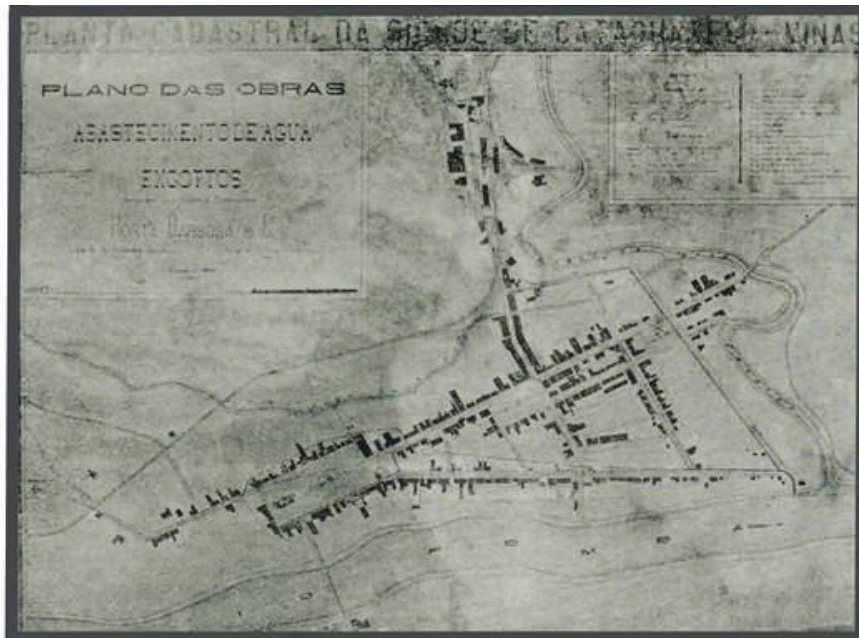
Também no século XIX surgem as primeiras vilas proletárias. Ao norte da estação ferroviária, a Vila Domingos Lopes [Imagem 12] inicia o povoamento da região com um pequeno número de casas distribuídas pela extensão das poucas vias abertas. Até a década de 1940, essa ocupação se adensou, ganhando novos equipamentos e sua maior via tornou-se rota principal de ligação entre Cataguases e outros centros como Mirai, Sereno, Sant’Ana de Cataguases e outros. Também nesta região, encontrava-se o terreno [Imagem 13] onde futuramente iria se instalar o Mercado Produtor, objeto de estudo deste trabalho. Mais afastado da Vila Domingos Lopes, a Vila Reis também surgiu como o maior ponto de ocupação residencial fora do centro de Cataguases. Ela localiza-se no ramal Vista Alegre da linha principal da Estrada de Ferro Leopoldina. Segundo Cardoso (1955), sua ocupação, até a década de 1940, encontrava-se estagnada. No final do século 19, iniciava-se também a ocupação da margem direita do Rio Pomba, com a construção da Vila Tereza. [Imagem 14]

A ferrovia alavancou o desenvolvimento social, econômico e cultural da cidade. Para o Rio de Janeiro ia o café, e no sentido inverso, vinham pessoas, informações via periódicos, correspondências, viajantes e outras novidades da capital. O fortalecimento dos vínculos entre as duas cidades, estreitando as distâncias entre interior e capital, além de ativar o intercâmbio cultural, contribuíram para que os “interioranos” tivessem acesso as boas escolas, incrementando o enriquecimento cultural da região.

A estreita relação e a instrução escolar bombardeavam Cataguases com influências europeias fazendo surgir uma nova mentalidade, que despertava nos provincianos o interesse pelo saber. Estes dois elementos fomentariam o primeiro momento de modernização da cidade. Resende e Silva (1908) descreve Cataguases das últimas décadas do século XIX como “uma rica e movimentada praça comercial e de apurada vida social”.



◀ Imagem 14: Diagrama da evolução urbana de Cataguases no Séc. XIX. Fonte: CARDOSO (1955, p.38) adaptado pela autora.



▲ Imagem 15: Plano de Obras do Abastecimento de Água e Esgotos de Cataguases. Fonte: DEMPHAC

A velocidade de locomoção de novidades e pessoas pelo novo meio de transporte, também facilitou a disseminação de doenças infectocontagiosas pela Zona da Mata mineira. Em 1889, ao mesmo tempo em que prosperava, uma epidemia de febre amarela assolou Cataguases. (HENRIQUES, 2005). Tal fato levou as autoridades da época a adotarem um conjunto de medidas que, em menos de dez anos, modificaram o espaço urbano dando a cidade uma nova feição, mais moderna, mais limpa, mais salubre. Destacam-se neste período a contratação dos engenheiros André Gustavo Paulo de Frontin e Henrique Batista, que desenvolveram projetos [Imagem 15] que visavam ordenar e sanear a cidade. Sob o argumento de combater a febre amarela, foi construída a primeira rede de distribuição de água e retificação do curso de córregos e rios.

As marcas do enriquecimento extrapolavam as grandes fazendas e alcançavam o perímetro urbano, mais especificamente na região da estação ferroviária, onde uma intensa atividade construtiva correspondia à nova realidade econômica social. No final do século XIX, as grandes reformas urbanas e o estilo arquitetônico eclético eram considerados “modernos” e inovadores. O eclético foi tomado como instrumento de demonstração de urbanidade e de status, realizando uma transição entre os antigos paradigmas arquitetônicos e uma nova conjuntura política, econômica e social. (MELLO, 2014, p. 84)

Alinhada às “tendências” nacionais, Cataguases se revelava como uma cidade que ambicionava ser moderna desde o século XIX. Nos primeiros anos do século XX, o início da belle époque tropical, a modernidade expressava-se, entre outras novidades, pelo cinema, cafés, clubes, grandes companhias empresariais e comércio de luxo. Durante a década de 1890, Cataguases assistiu à construção de novos edifícios que obedeceram às diretrizes e linguagem da arquitetura eclética. São exemplares da época:

Imagem 16: Paço Municipal de Cataguases. Fonte: Luis Claudio de Souza.

O paço municipal foi construído em 1893, com projeto de Agostinho Horta Barbosa. Disponível em: < <https://bitly.com/wB3AC> > Acesso em maio/2020.



Imagem 17: O Teatro Recreio. Construído em 1893 foi demolido posteriormente para a construção do CineTeatro Edgard. Disponível em: < <https://bitly.com/wB3AC> > Acesso em maio/2020.



Imagem 18: O Grande Hotel Villas. Bergamini, 1893. Disponível em: < <http://joaquimbranco.blogspot.com/2008/01/grande-hotel-villas.html> > Acesso em maio/2020.



Imagem 19: Largo do Comércio. (atual Praça Rui Barbosa). Disponível em: < <https://bitly.com/nUfu9> > Acesso em 24 de maio de 2020.



1 – Largo da Matriz Santa Rita / 2 – Rua do Sobe e Desce / 3 – Largo do Rosário / 4 – Rua do Pomba / 5 – Rio Pomba / 6 – Rua do Meio / 7 – Ribeirão Meia Pataca / 8 – Estrada Minas-Campos

Imagem 20: Mapa do desenho original das ruas traçadas por Guido Marlieri, destacando as duas praças como elementos fundamentais do desenho urbano. Fonte: Acervo Pessoal

Também se delineava o eixo principal da cidade [Imagem 20], o mesmo constituído hoje pelas ruas Major Vieira e Lobo Filho, ambas de traço do Coronel-Comandante Marlière. (SANTOS e LAGE, 2005).

O eclétismo se fez presente também nas residências de Cataguases [Imagem 21], difundindo o tipo de casa urbana com porão alto, jardim lateral, varanda em perfis metálicos e fachadas decoradas e arrematadas por platibandas. O chalé solto em jardins e quintais [Imagem 22] também foi recorrente, apesar de incorporar as novidades construtivas, guardava elementos típicos das antigas fazendas, uma espécie de chácara urbana. (MIRANDA, 1994)



▲ Imagem 22: Chácara Catarina. Disponível em: <http://www.minasgerais.com.br/imagens/atracoes/15121323634fVEzgrn2G.jpg> Acesso em maio de 2020.



▲ Imagem 22: Residência na Rua Manoel da Silva Rama. Fonte: Google Maps

manifestações modernistas



Imagem 23: Edifício A Nacional, Irmãos Roberto. Disponível em: < <https://www.behance.net/rafaelaguair1> > Acesso em março/2020

As mudanças inauguravam um novo ambiente urbano na cidade, que a alinhava aos ideais políticos e republicanos nacionais que tomavam proporção na época. (MELLO, 2014, p.60) Cataguases vai ganhando cada vez mais importância como nó de articulação da comunicação regional. Com o crescimento da cidade, as insuficiências em infraestrutura, reveladas na falta de saneamento básico e nas condições insalubres de algumas moradias, como dito anteriormente, já haviam impulsionado a disseminação de doenças na cidade.

Acompanhando as recomendações de especialistas sanitaristas, os administradores da cidade, com um discurso higienista, científico e sanitaria, investiram em um conjunto de reformas urbanísticas para Cataguases.⁴ À construção de redes de esgoto e de água, de calçamento de ruas e a mecanismos para o escoamento de águas pluviais somaram-se outras medidas, como a retificação de córrego Lavapés e do Ribeirão Meia Pataca. Foram providenciadas ainda, as construções de um novo matadouro, um cemitério e um hospital. (MELLO, 2014, p.86)

O intercâmbio socioeconômico promovido pelo trem despertou na elite cataguasense o interesse pela indústria que, paralela à economia cafeeira, apresenta no início do século XX suas primeiras matrizes, eletricidade e tecelagem, começando um processo de modernização⁵ na cidade. Entre 1905 e 1908 são implantadas no município a primeira usina geradora de energia, Companhia Força e Luz Cataguases-Leopoldina e a primeira fábrica de tecidos, propriedade da família Peixoto, Fábrica de Fiação e Tecelagem Cataguases [Imagem 24], tendo início o ciclo industrial têxtil, que nos anos seguintes seriam a base econômica da cidade. É importante ressaltar este momento, pois esse fato proporcionou uma movimentação maior de capital, aquecendo a economia local e ofertando empregos e oportunidades. (ALMEIDA, 2004, p.118)

Na década de 20, acontecia em São Paulo, uma das maiores manifestações culturais do país: a Semana de Arte Moderna de 1922,



▲ Imagem 24: Fábrica de Fiação e Tecelagem, 1906. Disponível em: < <http://sv2.fabricadofuturo.org.br/memoriaepatrimonio/iconografia> > Acesso em maio/2020.

uma etapa de rejeição ao conservadorismo vigente na produção literária, musical e visual. Ainda que não vivesse no ritmo frenético das grandes cidades, em Cataguases se vivia a ambiguidade de conviver com os valores de uma sociedade tradicional e conservadora do interior de Minas e, ao mesmo tempo, ter como modelo a metrópole e seus discursos de modernidade. Tendo em vista os movimentos que viriam acontecer, pode-se imaginar que o ambiente intelectual da cidade era dotado de senso crítico e que havia artistas inconformados com a representação da arte vigente. Sendo o CineTeatro Recreio o principal palco, é neste cenário que Humberto Mauro e Pedro Comello, os protagonistas do ciclo regional do cinema, se envolvem com o universo das imagens em movimento.

⁴ É importante salientar que as reformas higienistas propostas para Cataguases acompanharam a implantação de dois projetos urbanísticos: a construção da futura capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, no final do século 19 - projeto do engenheiro Aarão Reis, e as reformas urbanistas no Rio de Janeiro, no início do século 20, implantadas pelo engenheiro Pereira Passos, onde também foram pensadas soluções de higiene urbana.

⁵ A modernização neste trabalho é entendida como processo que através da industrialização, urbanização e outras mudanças sociais torna-se moderna em aparência ou comportamento, buscando transformar a vida dos indivíduos que a constituem.



▲ Imagem 25: Humberto Mauro em set. Disponível em <<https://bit.ly/2DkDnUp>> Acesso em 04 de julho de 2020.

“Estávamos em 1926. A escola de cinema era o Cine-Theatro Recreio, onde a minha sagacidade empírica e voraz ia assiduamente beber ensinamentos de cameraman, continuidade e direção, familiarizando-se com a técnica aplicada, o close-up, a fusão, visualização, simbolismo etc. D. W. Griffith empolgava com os gênios criadores que tiram do nada a criatura. Era o tempo em que King Vidor e Henry King, dando cores diferentes ao lirismo – David, o Caçula (Tol’able David), por exemplo – descobrindo novos caminhos na técnica em formação, enriqueciam a eloquência da linguagem cinematográfica. (MAURO, 2009, p. 237)”

A imersão na técnica do fazer cinematográfico levou Mauro e Comello a produzirem seis filmes, que criaram relação entre o cinema e a cidade, de meros expectadores os habitantes e a paisagem local entram nas telas como personagens e cenários. A arte de representar adquiria valor simbólico ao fazer cinema e de pequenas notas nos jornais locais, Cataguases passara a gravitar com certa constância no universo da produção cinematográfica nacional. O cinema pode ser visto, por esse motivo, como o primeiro interstício a promover o fluxo inverso entre as trocas culturais. Se antes a cidade era uma simples receptora das influências culturais trazidas pela ferrovia, agora passaria também a exportar ideias, cenários, produtores e atores.

Paralelo à produção cinematográfica, um grupo de jovens se dedicava à literatura. Se o Cineteatro Recreio havia sido palco de Humberto Mauro, o ambiente estudantil do Ginásio de Cataguases era um dos motivadores do fenômeno literário Revista Verde. O Ginásio mantinha o modelo francês de ensino difundido pelo Ginásio Nacional do Rio de Janeiro, que preparava a elite para o ingresso nos cursos superiores. O currículo seguia o tipo enciclopédico, onde os estudos clássicos e literários predominavam. (MELLO, 2004)

Em 1927, Guilhermino César, Ascânio Lopes, Camilo Soares, Fonte Boa, Francisco Ignácio Peixoto, Oswaldo Abritta, Rosário Fusco, Martins Mendes e Enrique de Resende fundam o grupo Verde e a revista começou a ser editada a partir do lançamento do Manifesto Verde.



Imagem 26: Revista Verde. ▶ Disponível em < <https://www.ufjf.br/procult/2012/03/01/a-moderna-literatura-brasileira-em-revista/> > Acesso em 04 de julho de 2020.

⁶ Carlos Drummond de Andrade, João Alphonsus, Emílio Moura, Pedro Nava, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Sérgio Millet, entre outros.

Esse negócio ocorreu-nos a memória a propósito do aparecimento deste primeiro número da nossa revista, VERDE. Aparecemos para um público que não existe. Vamos ser incompreendidos e criticados. É certo. Mas, que esse público ainda virá a existir, é certo também. É certo e é um consolo... Portanto, conversar muito é bobagem! Somos novos. E viemos pregar as ideias novas; da Nova-Arte. E só. E está acabado. E não precisa mais. (...) Abrasileirar o Brasil—é o nosso risco. Pra isso é que a VERDE nasceu. Por isso é que a VERDE vai viver. E por isso, ainda, é que a VERDE vai morrer. (APRESENTAÇÃO. Revista Verde, set. 1927)

A postura contestadora e crítica somava-se a temas regionais e cotidianos resultando em poesias e crônicas desde o primeiro número da revista. Se o cinema levou para as telas de Cataguazes o estrangeirismo, a Revista Verde trabalhou no sentido inverso: o de difundir a visão de um Brasil em busca de sua verdadeira imagem. E mais uma vez, e por outro meio, Cataguazes conectava-se ao circuito da vanguarda brasileira. A Verde tomava-se de liberdade expressiva e temática nacionalista, com a repercussão nacional atraiu a atenção de modernistas de Minas e outros estados do país, que se tornaram colaboradores da revista. Foi capaz de articular autores de variadas tendências modernistas.⁶ A potência da revista nascida em Cataguazes era tanta que reuniu toda uma plêiade de colaboradores no momento de mais alta tensão e revisão conceitual pela qual passava o campo das artes no país, levando para o interior de Minas um discurso crítico e, sobretudo, estético.

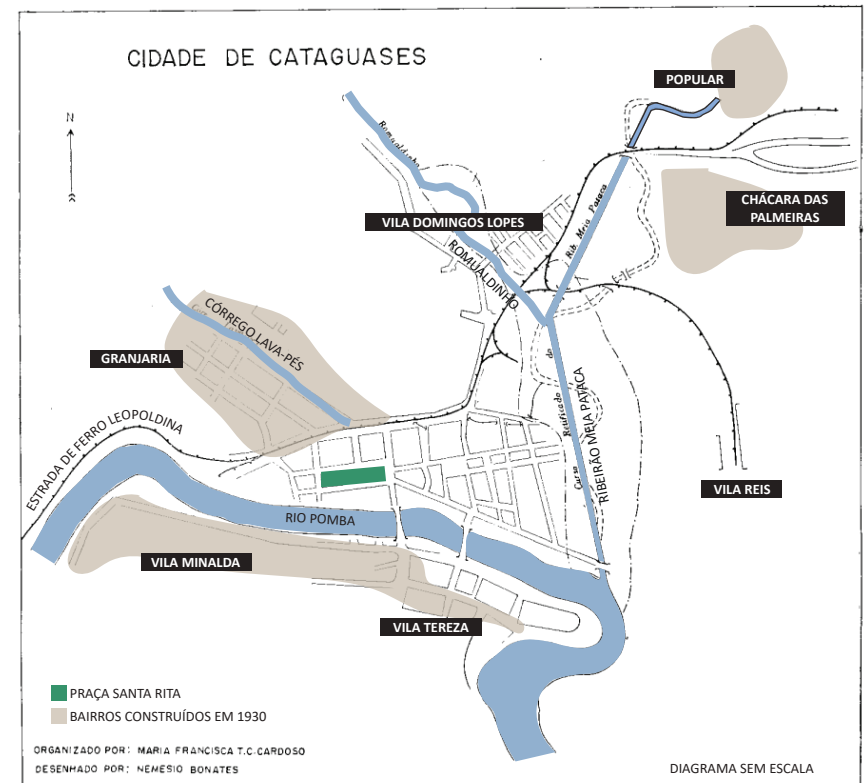
A Revista Verde e o cinema de Humberto Mauro foram acontecimentos culturais dentre os mais significativos do modernismo brasileiro, que localizaram definitivamente a cidade no mapa do Brasil.

"Todo o Brasil está surpreso: existe Cataguazes! (...) VERDE integrou Cataguazes na realidade nacional atingível.", escrevia Ribeiro Couto no n. 5 da mesma revista, em 1928.

Nos processos de modernização da cidade, seus personagens principais atuaram diretamente nas esferas econômicas, política e cultural da cidade. Assim como a família Vieira Resende teve sua importância no período da cafeicultura, agora entraria em cena os Peixoto e o Sr. Pedro Dutra, que utilizam de sua condição e posição socioeconômica e política para pôr em prática suas propostas modernizadoras para Cataguases. O momento de principal ação desses personagens concentra-se entre as décadas de 1930 a 1960, quando a cidade ganhava destaque nacional por sua efervescência cultural.

Em 1936, a indústria têxtil já era o motor econômico de Cataguases e as Indústrias Irmãos Peixoto S/A preparavam-se para a abertura de uma nova fábrica. Símbolo das mudanças e do novo tempo, a indústria passava a efetivamente sustentar a economia e reestruturar a sociedade local. A nobreza do café, o trabalhador e a vida rural foram aos poucos substituídos pelo industrial, pelo operário e pela vida urbana.

Em 1931, na mesma época em que eclodia a Revolução de 30 no Brasil, Pedro Dutra tomava posse no cargo de prefeito de Cataguases em meio à ascensão industrial. De acordo com Cardoso (1955), o desenvolvimento industrial de Cataguases e as lavouras em declínio propiciaram um movimento migratório do campo em direção à cidade, intensificando seu crescimento urbano. O aumento da demanda por moradias e a necessidade de terras para ocupação impulsionam o aparecimento de vários focos de povoamento espalhados por diversas áreas da cidade, dando-lhe uma nova fisionomia [Imagem 27]. Nasce então vários bairros proletariados, como a Vila Tereza, Vila Minalda, os bairros Chácara das Palmeiras e Bairro Popular, também se consolida a ocupação da Vila Domingos Lopes, a primeira zona proletária da cidade. Nessa mesma década, sobretudo no vale do córrego Lava-Pés, desenvolveu-se o bairro Granjaria, de predominante uso residencial.



▲ Imagem 27: Diagrama da evolução urbana de Cataguases em 1930. Fonte: CARDOSO (1955, p.38) adaptado pela autora.

A atuação de Pedro Dutra na cidade teve importantes contribuições, as bases de seu plano de governo apoiavam-se em três vertentes: planejamento urbano, estradas e escolas. (ALMEIDA, 2004) Logo no início de seu governo delimitou as zonas urbanas e suburbanas do município, possibilitando o desenvolvimento de um pensamento racional sobre a cidade. Promoveu a formatação de leis que se voltavam para a regulamentação de parâmetros urbanísticos para ocupação do solo no perímetro urbano. Exigia-se afastamentos mínimos, construção e manutenção dos passeios, as edificações deveriam atender às normas de conforto térmico e luminoso, garantindo as condições básicas sanitárias e de higiene. Também foram construídas novas escolas, além de novas estradas que ligavam a cidade aos municípios da região, facilitando o transporte de pessoas e mercadorias.

Imagem 28: Residência ▶ Francisco Ignácio – Oscar Niemeyer. Fonte: Guia da arquitetura modernista em Cataguases. Cataguases, MG: Instituto Cidade de Cataguases, 2012. p 28.

⁷ Escritor da Verde, Francisco Ignácio Peixoto, uma das principais conexões entre o modernismo, o Rio de Janeiro e Cataguases. Chico Peixoto residiu no Rio de Janeiro de 1928 até 1936, quando retorna a Cataguases para gerir as indústrias da família, que já possuía domínio e influência sob a cidade.

⁸ Além disso, outras três fabricas foram criadas pela família Peixoto: a Companhia Manufatora de Fios de Algodão em 1943; a Companhia Mineira de Papeis, em 1954, e a Industria Química Cataguases, em 1961.

No início dos anos 40, a arquitetura moderna se afirmava no Brasil e definia uma linguagem própria que se destacaria mundialmente. Os arquitetos brasileiros viviam um período áureo da arquitetura nacional, período em que as obras brasileiras eram as mais publicadas no exterior. Em Cataguases, o mecenato estava encarnado na figura de empresários de perfil tão moderno⁷ quanto os artistas que apoiavam. Os mecenas foram figuras decisivas na difusão, não só da arquitetura, mas também de bens culturais. Foi a iniciativa privada da família Peixoto⁸, detentora do capital proveniente da indústria têxtil, que promoveu a invasão de Cataguases pela arquitetura, pelas artes plásticas, pelo design com as características do modernismo.

Praticamente ao mesmo tempo em que Juscelino Kubitschek convida Oscar Niemeyer para projetar o conjunto da Pampulha em Belo Horizonte, um dos poetas da “falecida” Revista Verde e industrial, Francisco Ignácio Peixoto, encomenda do arquiteto o projeto de sua residência [Imagem 28] e, pouco depois, o do Colégio de Cataguases (1944) [Imagem 29]. A elite cataguasense encontra no

modernismo uma matriz para a formação de sua identidade e afirmação de seu status social, a partir disso a cidade transforma-se em laboratório. (SEGALL,2004)



Apoiado por amigos e por outros fatores circunstanciais, Francisco Ignácio Peixoto empreende a partir dos anos 40 a tarefa de renovação da cidade.

A encomenda de sua casa representa a mudança na esfera doméstica e a escola remete ao âmbito público, como elemento de formação de uma nova mentalidade. Uma estratégia que buscava alcançar dois alvos: o pequeno círculo da elite cataguasense e representantes das forças sociais e políticas. (MIRANDA,1994)

Em uma década construiu-se um acervo arquitetônico significativo para o tamanho da cidade. Residências, igreja [Imagem 30], casa de saúde, museu, maternidade, hotel [Imagem 34 e 35], cinema [Imagem 36 e 37], fórum, indústria, conjuntos de habitações para operários. Programas que confirmavam o ideal de que os mecenas e os operários habitassem a mesma arquitetura, um propósito transformador que buscava atingir as estruturas socioculturais e políticas, como forma de promover o desenvolvimento social. As obras seguiam os postulados básicos da arquitetura modernista: racionalidade, liberdade de plantas e fachadas, estruturas em concreto armado e os pilotis. Também adotaram a integração das artes plásticas e do paisagismo, associação marcante na paisagem urbana da cidade e que estão intimamente relacionadas com a arquitetura.

Por aqui passaram nomes como: Carlos Leão, Aldary Toledo, Irmãos Roberto, Francisco Bologna, Edgar Guimarães do Valle, Flávio de Aquino, Oscar Niemeyer. Junto aos arquitetos vieram os artistas plásticos, designers, paisagistas do período: Cândido Portinari, Djanira, Emeric Marcier, Anísio Medeiros, Bruno Giorgi, Jan Zach, Burle Marx, Carlos Perry, Joaquim Tenreiro, entre outros.



▲ Imagem 29: Colégio Oscar Niemeyer. Disponível em < <https://www.dev.ifsudeste.mg.edu.br/cataguases/galeria-de-fotos-o-campus> > Acesso em janeiro 2021.



◀ Imagem 30: Igreja Matriz de Santa Rita. Fonte: Fotógrafo Felipe Fernandes. Disponível em <https://bit.ly/35DgYw1> Acesso em setembro/2020.



◀ Imagem 31: Edifício A Nacional, Irmãos Roberto. Fonte: Guia da arquitetura modernista em Cataguases, MG: Instituto Cidade de Cataguases, 2012. p 109.



▲ Imagem 32: Painel Anísio de Medeiros no Educandário Dom Silvério. Disponível em < <https://www.behance.net/rafaelaguair1> > Acesso em maio/2020

◀ Imagem 33: Painel As Fiandeiras, Cândido Portinari.

Disponível em < <https://www.facebook.com/Cataguases-Fotos-Imagens-621592531315384/> > Acesso em maio/2020



◀ Imagens 34 e 35: Hotel Cataguases – Aldary Toledo. Fonte: Guia da arquitetura modernista em Cataguases. Cataguases, MG: Instituto Cidade de Cataguases, 2012. p 32 e 37.



◀ Imagens 36 e 37: CineTeatro Edgard. / Fonte: Guia da arquitetura modernista em Cataguases. Cataguases, MG: Instituto Cidade de Cataguases, 2012. p 98 e 100



◀ Imagem 38: Memorial Nanzita Salgado – Francisco Bologna e Praça Rui Barbosa. Fonte: Guia da arquitetura modernista em Cataguases. Cataguases, MG: Instituto Cidade de Cataguases, 2012. p 88.



◀ Imagem 39: Praça Rui Barbosa. Fonte: Guia da arquitetura modernista em Cataguases. Cataguases, MG: Instituto Cidade de Cataguases, 2012. p 108.

Os projetos modernizadores, ao atuarem em campos diferentes, contribuíram para o crescimento harmônico da cidade. A indústria possibilitou a cidade a experimentação de um movimento intelectual, artístico e cultural. As atividades do Movimento Modernista desembarcaram em Cataguases sobre a condição de movimento cultural. Em Cataguases, os modernistas puderam colocar em prática seus ideais, além dos seus anseios pela renovação estética e dos padrões culturais.

As ações modernistas começaram a ser lidas, codificadas e incorporadas pela população local. Elas produziram na cidade uma espécie de:

“(...) vocábulos modernos, de sotaque local, ao qual recorrem as obras modestas e anônimas que vão povoando a cidade, constituindo um interessante conjunto de construções que o arquiteto Antônio Luiz Dias de Andrade batizou de “arquitetura vernacular moderna”, ambiente que se tornou indissociável das numerosas e excepcionais manifestações da arquitetura moderna “erudita” que povoam Cataguases.” LAGE E SANTOS

Estes desdobramentos na cidade foram importantes para assegurar a continuidade dos trabalhos dos arquitetos pioneiros nas décadas seguintes. Nesse quadro, destaca-se a atuação do arquiteto Luzimar Cerqueira de Góes Telles [Imagens 42 e 43], responsável por dezenas de projetos na cidade desde a década de 1950 até os anos 1970. Sua extensa obra em Cataguases é caracterizada pela aplicação dos princípios da arquitetura modernista, em soluções corretas marcadas pelo rigor construtivo. A indústria continuou tendo importância no cenário econômico de Cataguases, destacando-se a Companhia Industrial Cataguases Ltda (têxtil), Companhia Manufatora de Tecidos de Algodão Ltda (algodão), BAUMINAS - Indústrias Químicas de Cataguases (produtos químicos e mineração) e Grupo ENERGISA (energia elétrica).

Imagens 40 e 41: Residências ▶ por Luzimar Teles. Fonte: Guia da arquitetura modernista em Cataguases. Cataguases, MG: Instituto Cidade de Cataguases, 2012. P. 64 e 89.



cataguases, uma cidade cenográfica



▲ Imagem 42: Gravações cinematográficas na cidade. Disponível em <<http://www.poloaudiovisual.org.br/>> Acesso em maio 2020.

Em 1994, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional reconhecendo os valores culturais dessas manifestações, efetua o tombamento da cidade, estabelecendo uma poligonal de proteção do centro histórico e inclusão de alguns bens imóveis tombados individualmente. (ALONSO,2010) A cidade de Cataguases é um dos únicos núcleos urbanos protegidos em nível nacional devido à presença de elementos de arquitetura moderna. Aqui, diferentemente de Brasília (o outro conjunto protegido declaradamente por sua arquitetura caracteristicamente moderna), são nítidos os desafios da preservação de um conjunto heterogêneo, onde os exemplares de arquitetura moderna – estilo no qual uma das mais fortes características é a inovação formal – convivem em um ambiente que possui edifícios de épocas anteriores também significativos para a preservação da história da cidade. (ALONSO, 2009).

Apesar de Cataguases vestir-se de um ethos⁹ cultural e moderno e exibir-se sob as asas de sua paisagem urbana singular, que sugere uma atração pelas artes e pelos valores qualitativos dos espaços – tanto na esfera privada quanto nos espaços e edifícios públicos – é notória a falta de políticas de proteção do patrimônio histórico e cultural da cidade. Em Cataguases não se consolidou um turismo direcionado ao repertório artístico-cultural, sobram monumentos, mas falta estrutura física e o poder público ainda não soube capitalizar este legado.

O desejo de inovação, “semeado” pelo modernismo e presente ao longo dos anos, ainda é oportuno e, mesmo em menor escala, mostra-se presente na cidade contemporânea. Apesar de não ter havido outro momento tão marcante na história da cidade após os anos 40, o aspecto cultural nunca deixou de fazer parte da vida da cidade. Vem sendo mantido através de instituições como o Instituto Francisca de Souza Peixoto, Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho, do Grupo Energisa, e a Fundação Simão José Silva, criada pela BAUMINAS. A maioria das ações desses institutos são financiadas

dentro das próprias empresas criadoras através da Lei Rouanet. Em 2012 foi criado o Consórcio Intermunicipal de Cultura, que teve como objetivo principal o desenvolvimento cultural de Cataguases e região, a princípio, através do Polo Audiovisual da Zona da Mata de Minas Gerais, projeto radicado em Cataguases liderado por instituições da sociedade civil e integrado por universidades, empresas e governo, visando atrair produções cinematográficas e ainda formar profissionais para o cinema e TV. Buscando a então consolidação do setor audiovisual como vetor de desenvolvimento, gerando recursos e novas oportunidades de trabalho e negócios, com impacto na economia local.

O Centro de Tradições Mineiras - CTM, atualmente fechado, era um importante instituto da cidade que promovia ações voltadas para a cultura popular. Apesar do papel fundamental do Polo Audiovisual na renovação cultural, segundo pesquisa realizada em 2010 pela Fundação Dom Cabral, os projetos dos institutos privados pouco atingem a população como um todo. Ao contrário do pensamento popular a respeito do CTM, as ações dos institutos privados são vistas pela população como restritas e hierarquizadas, uma vez que ela não se identifica ou não reconhece o modernismo como cultura popular e sim como manifestação da elite local. Não existem ações conjuntas entre os institutos nem em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura. Hoje eles não são capilarizados na sociedade, a população não se sente incluída, não está a par dos eventos e, obviamente, não participa. Este é um fato que precisa receber atenção dos governantes e dos líderes dos institutos, tendo em vista a importância popular para a preservação do patrimônio cultural da cidade.

Apesar do distanciamento com o popular, são iniciativas de extrema importância cultural e que projetos de incentivo e gestão mais participativa poderiam amenizar ou solucionar os problemas elencados. Algumas dessas iniciativas são: CINEPORT (Festival de Cinema de Países de Língua Portuguesa), Usina Criativa de Cinema,

⁹ O uso do vocábulo *ethos*, na pesquisa de Inácio Manoel Neves Frade da Cruz (2013), é empregado para significar os traços que combinam os processos sociais e uma miríade de motivações humanas que supostamente definiram a identidade de uma determinada cultura. Em uma palavra trata-se de um sistema de valores que perpassam uma cultura sobre os quais fica praticamente submetido o tipo de comportamento de seus membros.

CATS (Congresso de Arquitetura, Turismo e Sustentabilidade, FELICA (Festival Literário de Cataguases) e o Festival Ver e Fazer Filmes.

Além dos descritos acima, ainda ocorrem outros projetos ligados às artes cênicas e dança, workshops de produção digital, visitas de faculdades de arquitetura do país e diversos outros programas oferecidos pelo Polo Audiovisual. Muitas destas iniciativas foram financiadas pela Lei Municipal Ascânio Lopes de Incentivo à Cultura em vigor desde 2009, que todos os anos seleciona e oferece financiamento para iniciativas de relevância para a cultura local, através de julgamentos que consideram, por exemplo, o impacto e a capacidade multiplicadora da iniciativa e sua atuação em áreas não centrais da cidade.

Todas essas iniciativas e organizações ligadas a cultura local, aliados a aura criativa e apreço pela modernidade que o patrimônio e a paisagem sugerem, revelam que ainda há um interesse pelas artes na cidade. Há uma considerável classe criativa local, que se compromete com a continuidade da produção cultural. Muitas produções locais e nacionais do cinema brasileiro, com nomes renomados e atores reconhecidos. Artistas plásticos e atores produzindo e expondo seus trabalhos, além de estudantes e profissionais criativos que trabalham com artesanato, esportes e educação. Apesar de carecer de mercado e incentivo para os profissionais criativos e as dificuldades de permanência dos mesmos na cidade, a vocação cultural, apoiada pelo grande acervo patrimonial configuram um cenário que sugere que Cataguases possui base para tornar-se uma cidade movida pela indústria criativa, faltando investimentos e interesses que impulsionem essa economia.



▲ Imagem 43: Produção audiovisual em Cataguases. Disponível em < <https://www.facebook.com/Cataguases-Fotos-Imagens-621592531315384/> > Acesso em maio/2020

considerações

Desde sua fundação, no século XIX, até o reconhecimento de seu patrimônio cultural em nível nacional, no século XX, Cataguases acumulou, de forma edilícia, as influências culturais externas, formadoras de sua identidade e participantes de sua história. A Arquitetura teve muita influência sob a formação da cultura cataguasense, observar a produção arquitetônica resultante de sua evolução ao longo do tempo remete ao estudo das diversas culturas constituintes da formação intelectual da sociedade e, respectivamente, ao seu desenvolvimento urbanístico.

A paisagem urbana, estruturante da própria paisagem cultural, em Cataguases tornou-se notável através das manifestações modernistas. (BAHIA, 2011, p. 201) Além da proximidade entre as obras de arte e volume de arquitetura produzida, a valorização da paisagem urbana também foi influenciada pela extrapolação dos parâmetros técnicos e urbanísticos do Modernismo, onde a ação desenvolvimentista e de modernização da cidade pretendia atingir também a esfera pública, com grande diversidade de programas arquitetônicos (igreja, hotel, colégio, cinemas, maternidade, praças, monumento, vila operária) alcançando uma maior população.

“Cataguases é uma exceção, pois viveu, na prática, a democracia propalada pela arquitetura modernista, que outras cidades só conheceram em discurso”
(BOLONHA, Francisco. Apud ROCHA, Andréa. *A utopia modernista. In: Sagarana. Belo Horizonte, Ventura Comunicação e Cultura, n. 08, 2000, p.10.*)

Em Cataguases o modernismo não modificou a malha

urbana. O conjunto detém de uma paisagem urbana bucólica, característica do interior, com calçamento de pedras e arborização abundante, coroadas com imponentes obras de arquitetura moderna. O Modernismo se configura de modo difuso na paisagem urbana, gerando um referencial dialógico e, que no contraponto estético junto às outras manifestações existentes, singulariza a paisagem urbana de Cataguases, resultando num processo mais dinâmico de constituição do seu patrimônio cultural a partir da ambiência urbana e não apenas pelo seu aspecto estilístico arquitetônico. (BAHIA, 2011, p. 202)

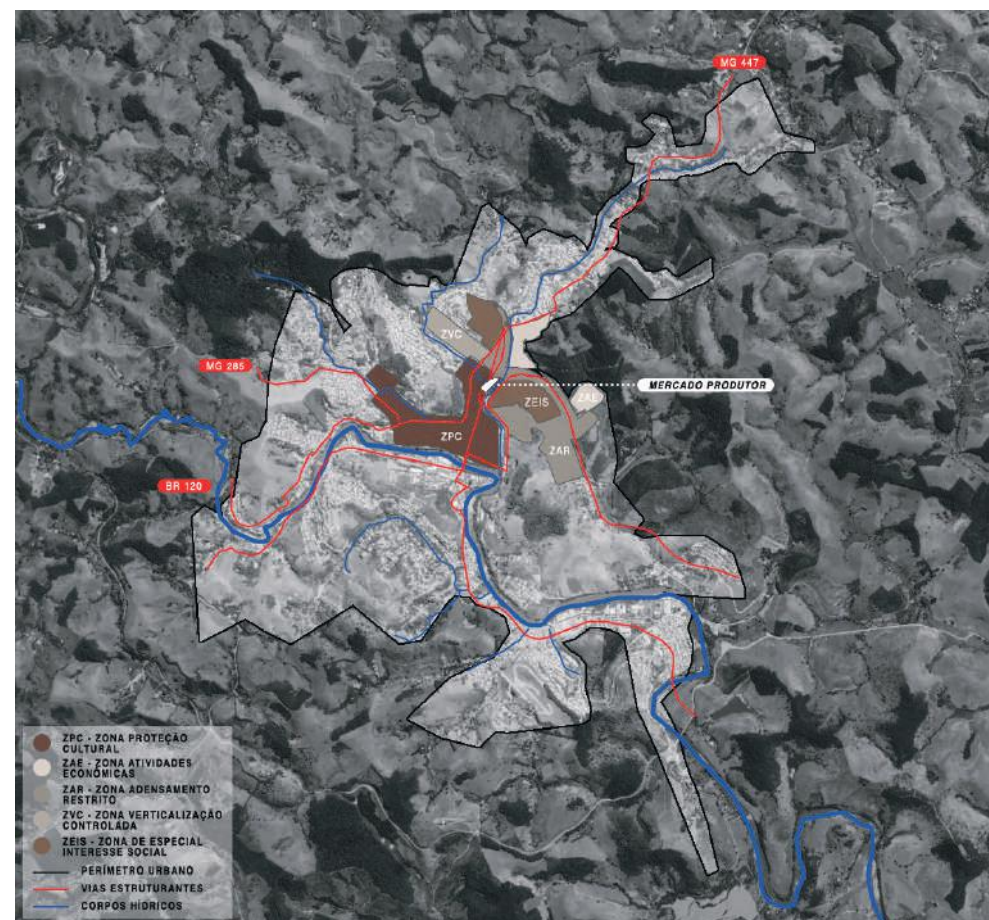
Com a constante expansão da cidade para além dos limites do núcleo urbano protegido, a ambiência urbana qualificada e característica concentrou-se apenas nesta delimitação. Ao contrário do que se observa na cidade, o patrimônio não deve ser isolado. Suas dimensões, sua arquitetura, sua localização, tudo isso deve estar em diálogo perpétuo com o ambiente do entorno e com a população local, que precisa sentir-se parte deste todo. O contexto urbano torna-se tão importante como o monumento em si. A ausência de projetos urbanos que qualifiquem os entornos cidade e interliguem os edifícios e obras tombados reduz a importância do Conjunto. Além disso, qualificar espaços urbanos para além do núcleo protegido, garante a identidade e democracia urbana. (MAIA e FILHO, 2018)

Apoiar, articular e subsidiar programas de resgate, preservação e valorização da história da cidade como fortalecimento da identidade cultural de Cataguases é importante. Reconhecimento, proteção, valorização e difusão do patrimônio, da memória, das identidades e das expressões, práticas e manifestações artísticas e culturais de Cataguases é fundamental para se manter a conscientização do patrimônio. (Fundação Dom Cabral, 2010)

o mercado produtor e cataguases

O Mercado Produtor encontra-se na região pericentral da cidade de Cataguases, distando menos de quinhentos metros dos limites da poligonal tombada. Uma extremidade de sua área margeia o Ribeirão Meia Pataca e a outra, a linha férrea inativa. Está inserido, de acordo com a Lei nº 3546/2006, que institui o Plano Diretor Participativo de Cataguases, na Zona de Preservação Cultural, que corresponde às áreas que contêm os conjuntos urbanos, resultantes da presença de traçado urbanístico original e de tipologias urbanísticas, arquitetônicas, artísticas e paisagísticas que configuram a imagem do lugar, cuja preservação seja necessária à preservação do patrimônio cultural do município. Um fato curioso, visto que, apesar de inserido no imaginário cultural popular, o espaço não recebe nenhum tipo de incentivo cultural por parte do poder público.

A relação do Mercado com Cataguases, assemelha-se com a do Ribeirão Meia Pataca, isolados da “vitalidade” da cidade, os dois cumprem, minimamente, apenas suas funções essenciais: o Mercado, durando um curto período, escoar a produção rural; e o Rio, abastecer a cidade. E a função social e qualidade paisagística de ambos, é inexplorada. A condição atual do Ribeirão Meia-Pataca é a mesma que se repete em vários corpos d’água das cidades brasileiras: assoreado, quase sem vegetação, com problemas de drenagem fluvial e com a qualidade da água comprometida pelo despejo de esgoto e atividade mineradora.



▲ Imagem 44: Mapa da cidade de Cataguases do Google Earth com intervenções da autora.

Desde agosto de 2020, observam-se diversas mudanças e alterações, por parte da Prefeitura Municipal, no edifício e funcionamento do Mercado. Apesar de não ter acesso ao suposto “projeto de reforma”, que o próprio poder público, da gestão 2016/2020, se negou a apresentar, acredita-se que não haverá qualquer modificação ou benfeitoria no espaço público do mercado.



Imagem 45: Barracas em agosto de 2020. Fonte: Acervo Pessoal.

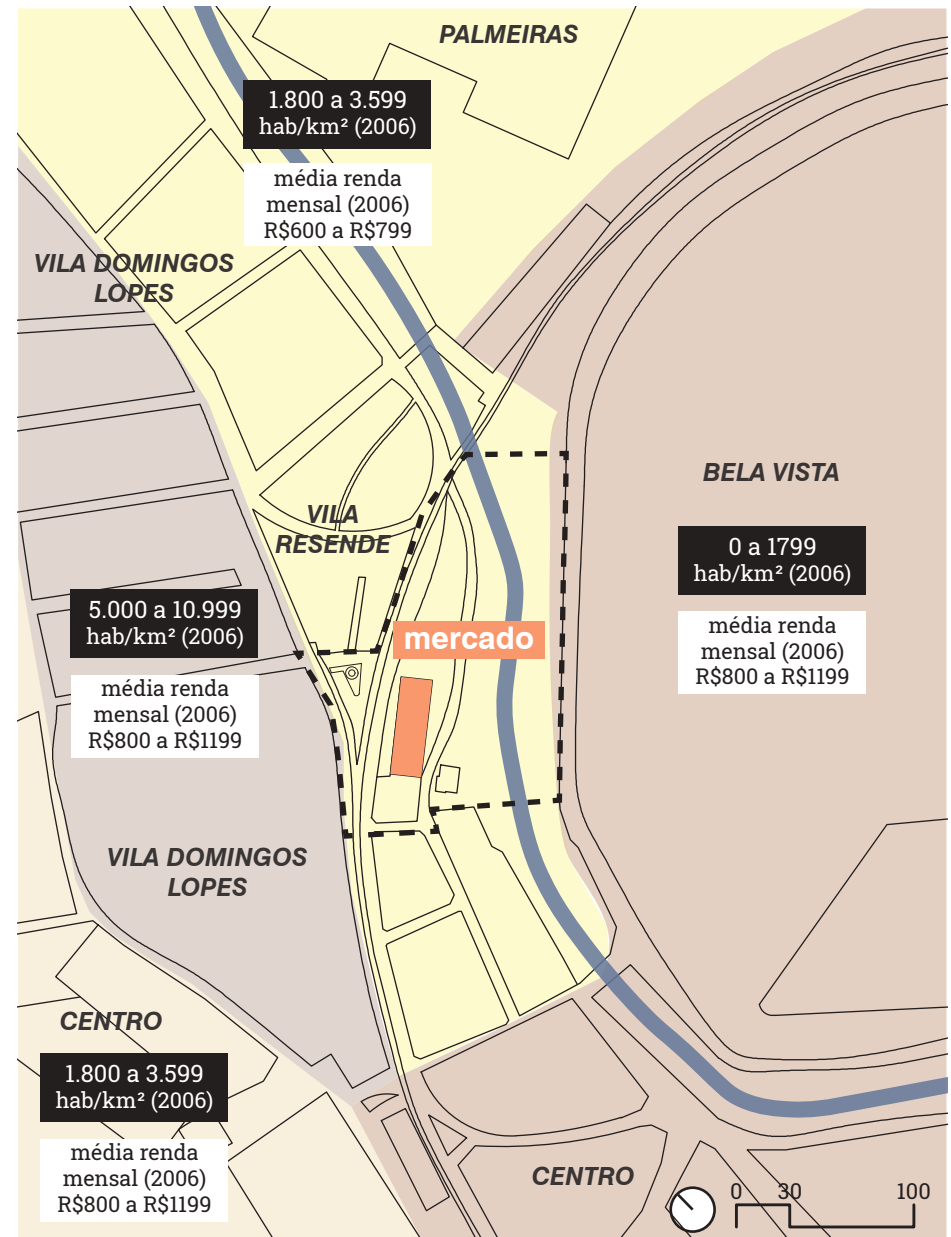
Imagem 46: Janeiro 2021. Fonte: Acervo Pessoal.

inserção urbana

Apesar do Mercado Produtor localizar-se em um território estratégico dentro da cidade, seu estado de conservação e dinâmica urbana atual acentuam a fragmentação do entorno e da paisagem urbana da região. Para se entender os diferentes contextos de cada “margem” deste território insular, torna-se necessário entender e articular alguns dados, a fim de que as diretrizes de intervenção o tornem um lugar, que não só atenda às demandas, mas articule as potencialidades existentes e promova a identificação coletiva.

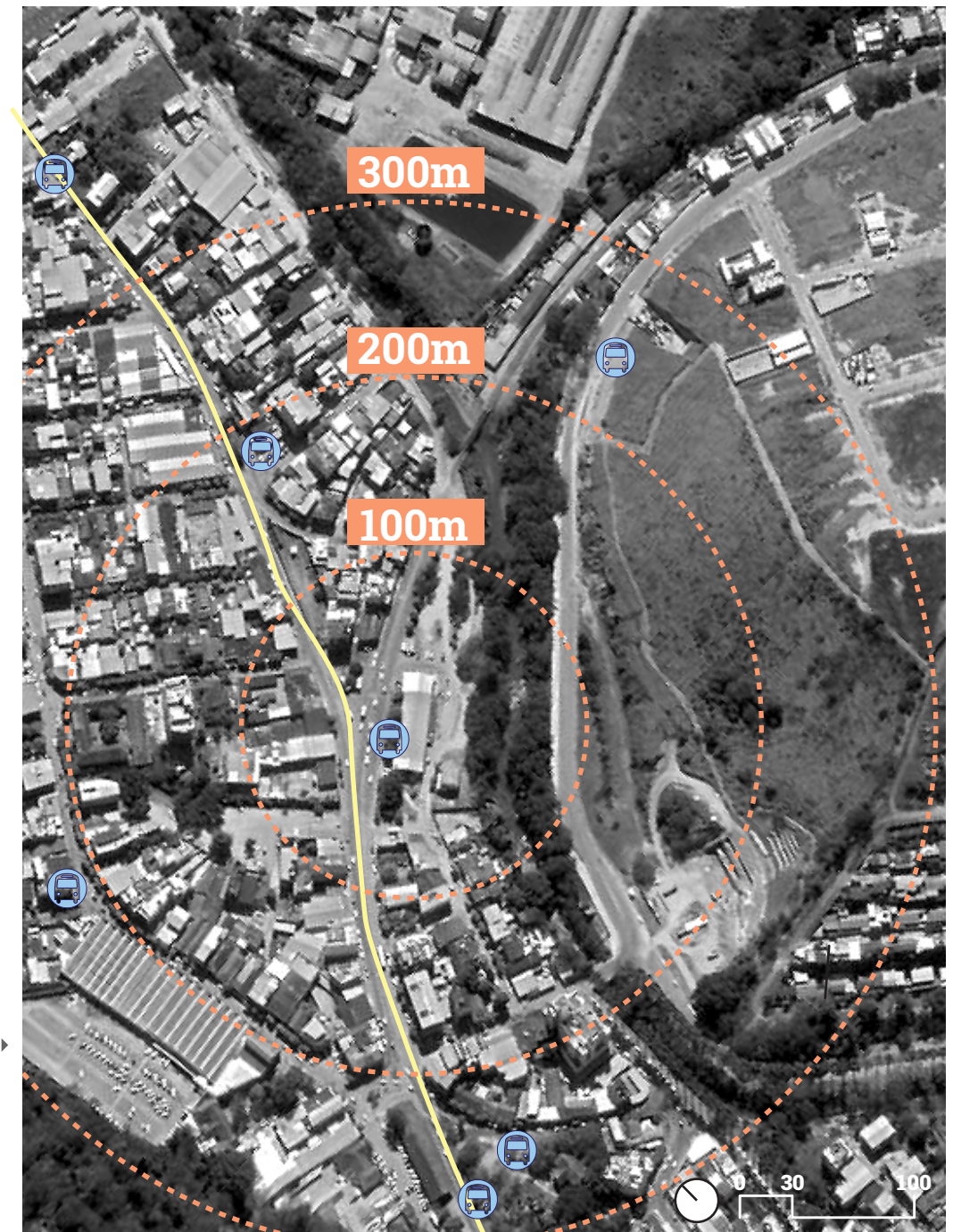
O Plano Diretor Participativo - PDP (2006), através de uma análise por setores censitários da cidade, demonstra as áreas de adensamento urbano e uma das regiões com maior índice, 11.000 a 18.800 habitantes por quilômetro quadrado, insere-se na região central. O Mercado Produtor é cercado por diferentes densidades habitacionais, ao mesmo tempo em que uma das margens do Ribeirão possui o segundo maior índice de adensamento, 5.000 a 10.999 habitantes por quilômetro quadrado, a outra margem possui o menor índice, ratificando as discrepâncias entre centro e periferia. Além disso, o resultado da análise da renda média mensal por setor, também analisada pelo PDP, justifica ainda mais a potencialidade de se criar um espaço livre democrático neste recorte.

Imagem 47: Diagrama da Densidade populacional e Média de Renda Mensal do Responsável Familiar, elaborado pela autora com base nos dados do Plano Diretor Participativo (2006). Fonte: Acervo Pessoal.



Com relação à mobilidade e rede de transporte público, Cataguases conta apenas com as linhas de ônibus, que apesar de terem pontos de ônibus e oferta de linhas bem distribuídos na região do Produtor [Imagem 48], não possuem linhas que atendem à toda a cidade nos fluxos de ida e volta. A rede de transporte é limitada e não é suficiente. Nos finais de semana, a frota parece reduzir ainda mais e, o acesso aos destinos mais distantes de onde o cataguasense se encontra, torna-se restrito aos veículos particulares e caminhada.

Imagem 48: Diagrama de raios caminháveis (100,200 e 300m) e pontos de ônibus da região, intervenção da autora sobre imagem do Google Earth. Fonte: Acervo Pessoal.



fatores físicos

O Código Federal Brasileiro – Lei Federal n.4771 de 15 de setembro de 1965 – define como Área de Proteção Permanente (APP) as áreas situadas em uma faixa bilateral de 30 metros, medidos a partir das margens, para cursos d'água de menos de 10 metros de largura. O Ribeirão Meia Pataca se enquadra nessa especificação, no entanto, há ocupação residencial e outras formas de degradação causadas pela ação antrópica. Além disso, no trecho que margeia o Mercado Produtor, há descarte de lixo, resíduos sólidos e químicos, assoreamento e desmatamento da mata ciliar. [Imagens 50 e 51]

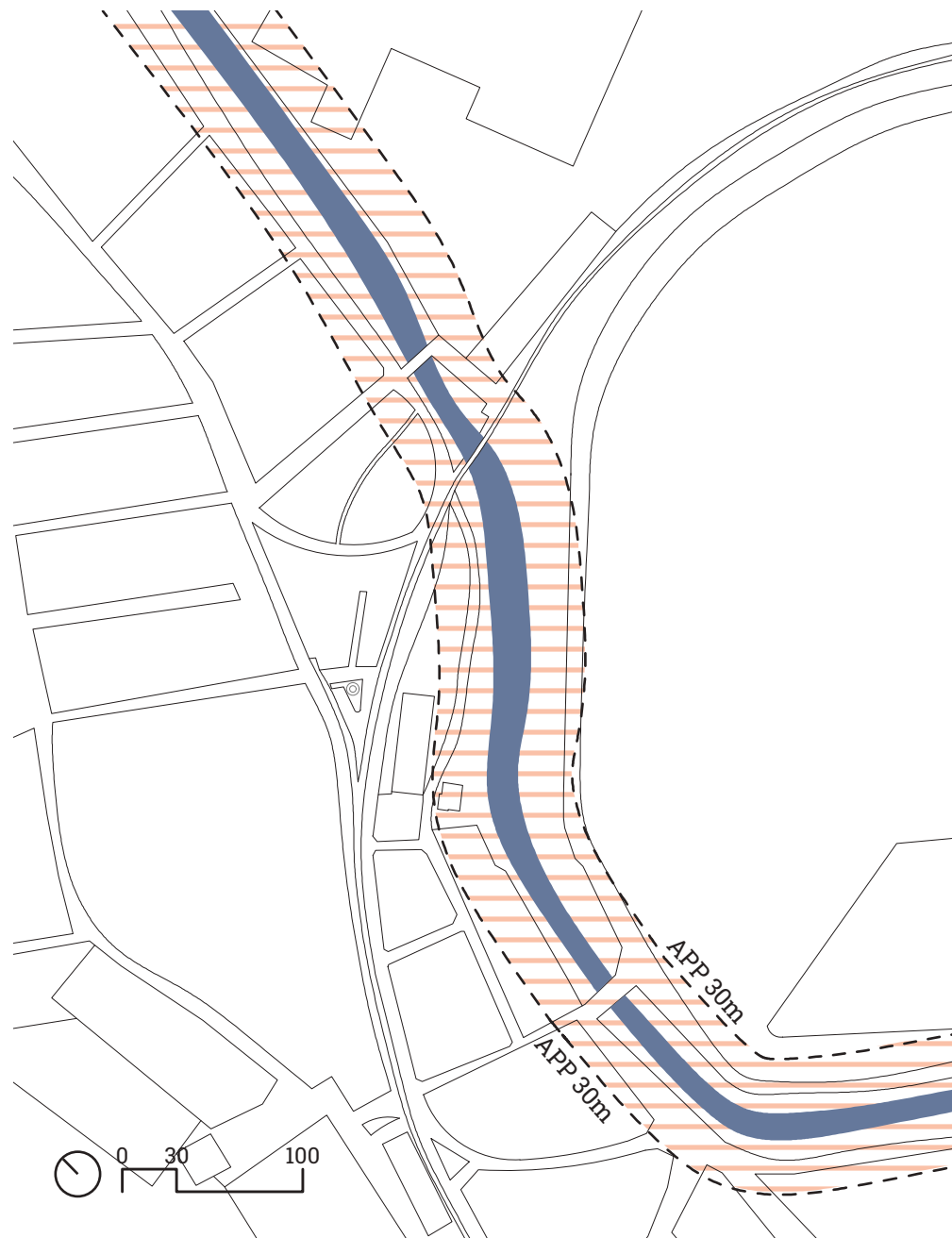


Imagem 49: Área de Proteção Permanente.
Fonte: Acervo Pessoal



◀ Imagens 50 e 51:]
Margem do Ribeirão Meia
Pataca com Rua José Maria
Figueiredo Reis ao fundo.
Fonte: Acervo Pessoal.

legislação

Inserido na Zona de Preservação Cultural, de acordo com a Lei nº 3546/2006, que institui o Plano Diretor Participativo de Cataguases, o recorte de intervenção deve atender às seguintes exigências urbanísticas:

- I. preservação da notabilidade do acervo arquitetônico-urbano-paisagístico determinada por meio da manutenção das seguintes características:
 - a) O quadro natural e a paisagem circundante;
 - b) A morfologia urbana e o traçado dos logradouros;
 - c) As tipologias arquitetônicas;
 - d) A relação das áreas edificadas e as não edificadas;
 - e) A unidade dos conjuntos urbanos;
 - f) A diversidade e a multiplicidade de usos;
 - g) **Os espaços públicos de reunião e encontro;**
 - h) **As manifestações culturais.**
- II. Compatibilização dos valores e as necessidades da vida urbana atual e do desenvolvimento socioeconômico com a preservação do acervo arquitetônico-urbano-paisagístico;
- III. **Melhoria da qualidade de vida no meio ambiente urbano.**

(Plano Diretor Participativo de Cataguases, 2006, grifo nosso)



- ① MERCADO PRODUTOR
- ② PRACINHA E ESTACIONAMENTO FRETE
- ③ ESTACIONAMENTO MERCADO
- ④ LINHA FÉRREA EM DESUSO
- ⑤ SINDICATO PROD. RURAL
- ⑥ RIBEIRÃO MEIA PATACA

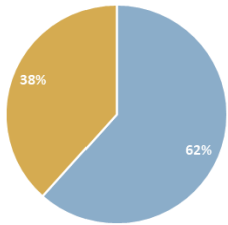
◀ Imagem 52: A área de intervenção. Fonte: Acervo Pessoal

o mercado produtor e o cataguasense

Devido à pandemia do Covid-19 e as restrições de convívio social, para substituir as entrevistas in loco, elaborou-se um questionário online com 12 perguntas sobre o Mercado Produtor e seu entorno e ao longo do tempo ativo foram obtidas 74 respostas. A seguir estão apresentados os gráficos completos do questionário e as respostas, que revelam dados instigantes sobre a área de intervenção.

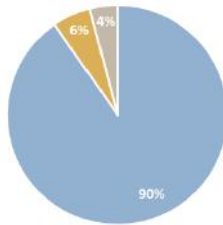
Ao perguntar com que frequência as pessoas vão ao Mercado, mais da metade dos entrevistados respondeu que raramente frequentam o local e curiosamente, mais da metade respondeu que reside na região central da cidade, a mais próxima do Mercado. Essa falta de atração certamente se dá pelo aspecto “fechado” do edifício e pela sensação de insegurança que o Mercado apresenta, visto que, 93,5% das pessoas não o consideram atrativo e seguro e 71% consideram o Mercado desorganizado. Embora muitas pessoas tenham dito que não frequentam o local e que não o consideram seguro, um número maior ainda respondeu que o local precisa de melhorias no espaço público, atividades de lazer e melhoria da acessibilidade e mobilidade urbana, o que revela uma compreensão geral do potencial dessa área e um desejo geral de ocupação.

gênero



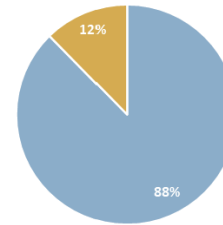
■ feminino ■ masculino

perfil do usuário



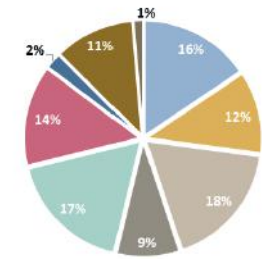
■ consumidor ■ vendedor ■ nenhuma

é uma região atrativa e segura?



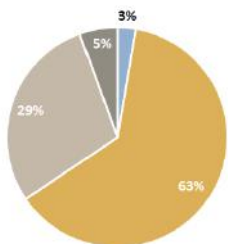
■ não ■ sim

melhorias sugeridas



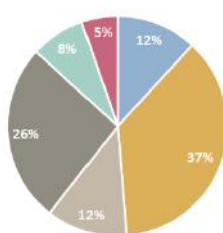
■ atividades de lazer
 ■ acessibilidade e mobilidade
 ■ restaurantes e bares
 ■ aumento do horário de funcionamento
 ■ melhorar o espaço público
 ■ segurança
 ■ integração com a cidade

perfil etário



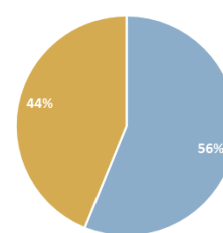
■ até 18 anos ■ 18 a 35 anos ■ 35 a 55 anos ■ mais de 55 anos

frequência que vai ao mercado



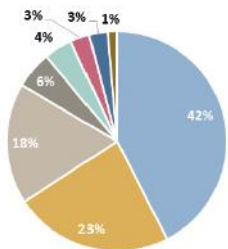
■ não vai ■ raramente ■ 1x por mês ■ 1x por semana ■ mais de 1x semana ■ todos os dias

estacionamento



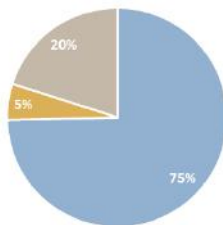
■ suficiente ■ insuficiente

bairros em que residem



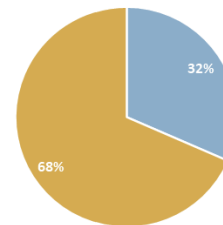
■ centro ■ região a ■ região b ■ região c ■ região d ■ região e ■ região f ■ região g ■ região h

meio de transporte utilizado para chegar ao Mercado



■ público ■ privado ■ caminhada

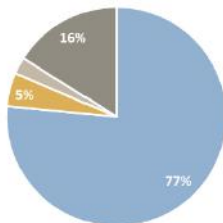
o mercado é organizado?



■ sim ■ não

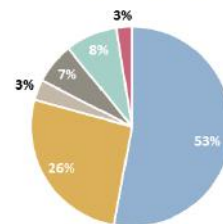
A: Morada da Serra / Granjaria / Colinas / João Paulo II / Horto Florestal / Recanto das Palmeiras
 B: Vila Domingos Lopes/ Bela Vista / Haidee / Bandeirantes / Menezes / Independência / Thomé
 C: Vila Minalda / Dico Leite / Primavera / Bom Sucesso / Centenário / Bom Pastor / Paraíso
 D: Jardim / Vila Tereza / Beira Rio / Santa Cristina
 E: Ibrahim / São Pedro / Santa Clara / São Cristóvão / Taquara Preta
 F: Sebastião Adolfo / Sol Nascente / São Sebastião / Pouso Alegre / Popular / Marote / Pampulha / São Diniz
 G: Distritos (Aracati de Minas, Cataguarino, Glória de Cataguases, Sereno e Vista Alegre)
 H: Isabel Tavares / Guanabara / Imê Farage / Leonardo / Ana Carrara

atividades realizadas



■ compras ■ vendas ■ lazer ■ passagem

atrativos do Mercado



■ qualidade dos produtos ■ preço dos produtos ■ o espaço público
 ■ o atendimento ■ relações afetivas ■ incentivo renda local

diagnóstico

A partir das análises anteriores e visitas de campo, foi possível construir uma síntese da atual situação da área do Mercado.

Grande parte das Áreas de Proteção Permanente (APPs) encontram-se ocupadas - inclusive pelo edifício do Sindicato dos Produtores Rurais - e a margem do ribeirão assoreada e sedimentada. Embora a maioria tenha sido regularizada, a ocupação dessas áreas compromete a permeabilidade do solo e diminui drasticamente as áreas de infiltração das águas pluviais, que se agravam pela presença das vias urbanas pavimentadas ao redor. E como consequência da ocupação irregular, tornam-se constantes os bolsões d'água e enchentes após chuvas de grande volume.

Com relação à mobilidade, o transporte público na “chegada” ao Mercado é amplo e oferece uma variedade de linhas, porém a “saída”, devido ao direcionamento das vias não é facilitada para todas as regiões da cidade, um ponto negativo, tendo em vista a demanda dos usuários por transporte no fim das compras. Já com relação à mobilidade ativa (pedestres e ciclistas), a região salienta um grande potencial. Sobrepondo raios caminháveis sobre a área de estudo, atesta-se o seu potencial de caminhabilidade, fator que, aliado à densidade populacional da zona em que se insere é de extrema importância para potencializar espaços públicos.

A falta de conexões transversais, entre as margens do Ribeirão Meia Pataca na altura do Mercado, faz com que a captação de usuários seja reduzida, principalmente pelo alto fluxo de atividades esportivas na pista de caminhada da Rua José Maria Figueiredo Reis. Além disso, a falta de atravessamento também dificulta o desenvolvimento de um ambiente público capaz de fortalecer a área e contribuir para a expansão paisagem urbana qualificada. A localização próxima às zonas adensadas e zonas de especial interesse social, mostram como essas conexões poderiam beneficiar no fluxo e atividade econômica do Mercado.



reconhecimento

O cenário é apropriado e uma nova oportunidade para a presença de uma paisagem significativa e um espaço público qualificado e socialmente rico.

problemas

- Descontinuidade dos fluxos e fragmentações das atividades entre a região da Praça da Estação e região do Mercado.
- Área desintegrada do restante da cidade, obscura e vazia. Uma “ilha” no centro da cidade.
- Distanciamento do curso d’água: margens assoreadas, sem vegetação e degradação do corpo hídrico.
- Mercado “fechado” em suas atividades e sem relação com o entorno.
- O edifício do Mercado não é suficiente para abrigar todos os comerciantes e não possui outras atividades.
- O espaço não é atrativo, o que, nem mesmo a qualidade e preço dos produtos, consegue atrair muitos usuários.
- Não há suporte para consumo dos produtos vendidos no local.
- Pavimentação das vias, muitos buracos, pouca ou nenhuma sinalização, poucos atravessamentos.
- Soberania do automóvel sob o pedestre.
- Área verde escassa, subutilizada e segregada do contexto urbano. Destruição da vegetação ciliar.

potencialidades

- Localização estratégica, uma região de fácil acesso e com grande potencial de conexão.
- Possibilidade de resgatar a relação perdida da cidade com o ribeirão Meia Pataca e criar um ponto turístico com vocação ambiental-educativa.
- O caminho marcado pela linha férrea, que cria um eixo/orla de continuidade ao longo de seu percurso, que passa pelo Mercado.
- As visadas da cidade a partir da área de intervenção, que acionam o lado poético do ato perceptivo da paisagem, criando um espaço livre lúdico e inspirador.
- Carência de espaços de lazer na cidade.

reconhecimento e a nova imagem

referências

[concurso] mercado público de lages

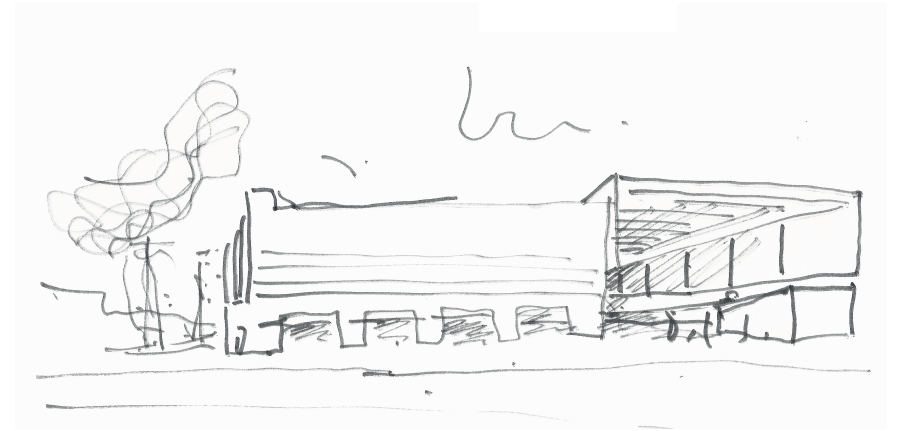
Proposta vencedora do concurso para requalificação do Mercado Público de Lages, em Santa Catarina, promovido pelo IAB-SC. O projeto foi desenvolvido pelos escritórios Zulian Broering e Zanatta Figueiredo.

Os arquitetos levaram em consideração todo o histórico do Mercado existente, que teve início em uma praça, e a primeira ação projetual parte do resgate dessa forma fundamentada no contexto contemporâneo. O usuário desse espaço nem sempre busca apenas o consumo, mas também os eventos gerados espontaneamente nesse ambiente. Mantem-se as características do edifício art-decô, marcando as intervenções através da diferença de materialidade.

Há uma compreensão de que o uso de um Mercado necessita de permeabilidade e continuidade do espaço público para realizar de maneira qualitativa as suas trocas, eventos, funcionalidade e sociabilidade, além de proporcionar espacialidades dignas e que incentivem o usuário à longa permanência.

O pátio aberto abriga o espaço da imprevisibilidade, do lazer, dos eventos, oficinas ao ar livre, do chimarrão, dos jogos. Os pontos comerciais localizados no perímetro do edifício são abertos para locação, possibilitando vitalidade e uso do espaço público independente do funcionamento do mercado.

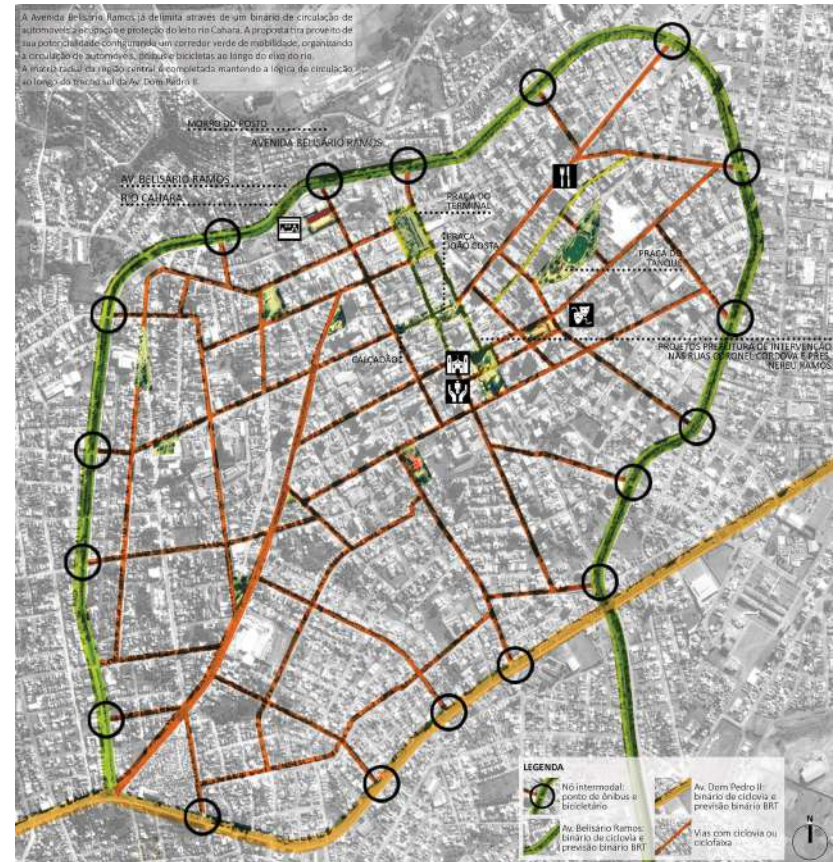
Além da intervenção no Mercado Público, propõe-se também ações de mobilidade urbana, sugerindo uma rede intermodal de transporte coletivo e ciclovias na área central de Lages. Todas essas mudanças vinculam-se ao resgate da relação do Mercado com o espaço público, consolidando sua vocação como catalisador urbano.



Imagens 54 e 55: Mercado Público de Lages. Disponível em < shorturl.at/fgxKV > Acesso em Janeiro/2021.



Imagens 56, 57, 58, 59: Mercado Público de Lages. Disponível em < shorturl.at/fgxKV > Acesso em Janeiro/2021.



Para traçar diretrizes projetuais, tendo em mente os anseios para este projeto, além de estudos de Mercados Públicos, foi necessário estudar projetos que oferecessem experiências variadas. Arquiteturas de fluxos, trocas e permeabilidade e de que forma dialogam com o modo de vida contemporâneo. Arquiteturas com viés de suporte, onde a espontaneidade rege e serve de suporte para os mais diversos significados de um espaço. A falta de uma pré-determinação de significados prévios, traduz-se em uma liberdade de escolha que constrói novos significados jamais imaginados.

Imagem 60: Theatreplein. ▶
Disponível em <
http://www.secchivigano.eu/atS04/at%20S04_theaterplein.html > Acesso em 27 de agosto de 2020.





*Theaterplein, Antwerpen
Studio Associato Bernardo
Secchi Paola Viganò (2008)*

“Um espaço enorme, mesmo que desproporcional, não precisa necessariamente ser preenchido e construído. Deve ser corretamente interpretado nas medidas visíveis e invisíveis que geralmente são o produtor da história do sítio e das diferentes escolhas tomadas sobre ele.”



Imagens 61, 62 e 63:▶
Theatreplein. Disponível em
em <
http://www.secchivigano.eu/atS04/at%20S04_theaterplein.html > Acesso em 27 de agosto de 2020.



Rampas Niemeyer

“Não é o ângulo reto que me atrai. Nem a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual. A curva que encontro nas montanhas do meu País, no curso sinuoso dos seus rios, nas ondas do mar, nas nuvens do céu, no corpo da mulher preferida. De curvas é feito todo o Universo - o Universo curvo de Einstein.” (Oscar Niemeyer).

As rampas de Oscar surgem como elementos plásticos e estruturais importantes, que percorre os espaços internos, realizando a perfeita “promenade architecturale”, da qual se vislumbra a paisagem, interna ou externa.



Imagem 64: Rampa Museu Nacional. Disponível em: <shorturl.at/yJYZ1> Acesso em Fevereiro/2021



Imagem 65: Rampa Museu▶
Nacional. Disponível em:
<shorturl.at/yJYZ1 >
Acesso em Fevereiro/2021

Imagem 66: Rampa OCA,
Parque Ibirapuera.
Disponível em <
<https://spbr.arq.br/project/restauro-da-oca/> >
Acesso em Fevereiro/2021





Imagem 67: MAC Niterói. ▶
Disponível em <
shorturl.at/dHNT7 >
Acesso em Fevereiro/2021

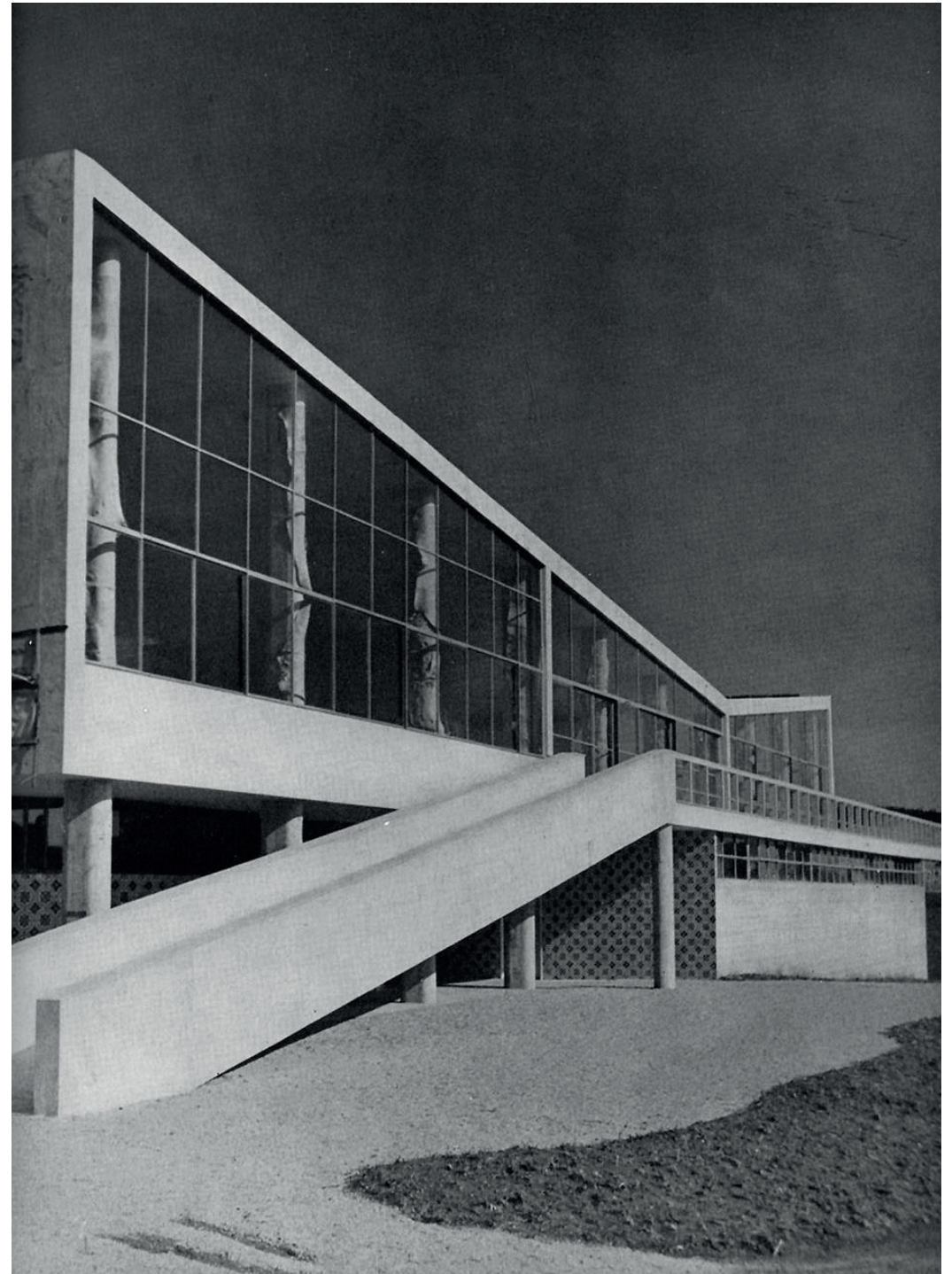
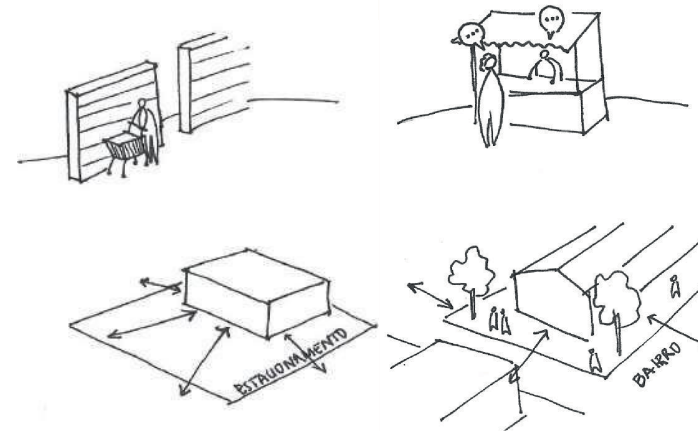


Imagem 68: Iate Clube Pampulha. Disponível em <shorturl.at/jrKWY> Acesso em Fevereiro/2021

diretrizes

As estratégias e diretrizes a seguir visam auxiliar na compreensão e facilitar a construção espacial e ativação urbana do espaço livre público do Mercado Produtor.

SUPERMERCADO x MERCADO PÚBLICO

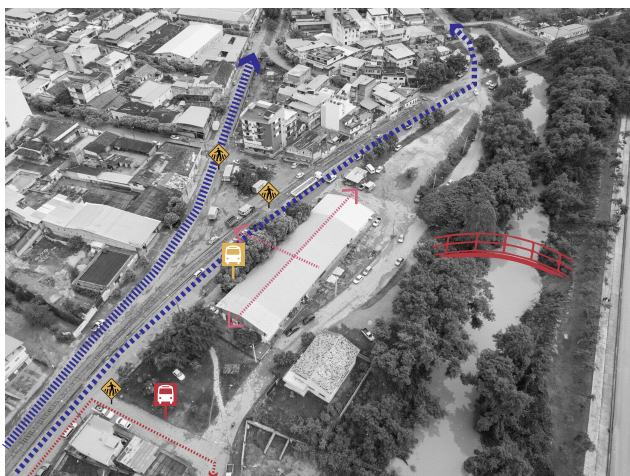


Distanciamento.
Padronização de produtos.
Empobrecimento do comércio.
Distanciamento da cultura.
Não-lugar: desvalorização do espaço.
Esvaziamento de relações através da sensação de consumo.

Aproxima as pessoas da cidade.
Diversidade de produtos.
Valorização do edifício e do espaço público.
Urbanidade.
Pertencimento.
Diálogos, trocas e relações de afeto.

estratégia 01: mobilidade

O principal objetivo dessa estratégia é facilitar e qualificar o acesso ao espaço público e ao Mercado. Buscando promover a continuidade do passeio de pedestres e ciclistas, a conexão entre as margens do Ribeirão e a oferta de transporte público.

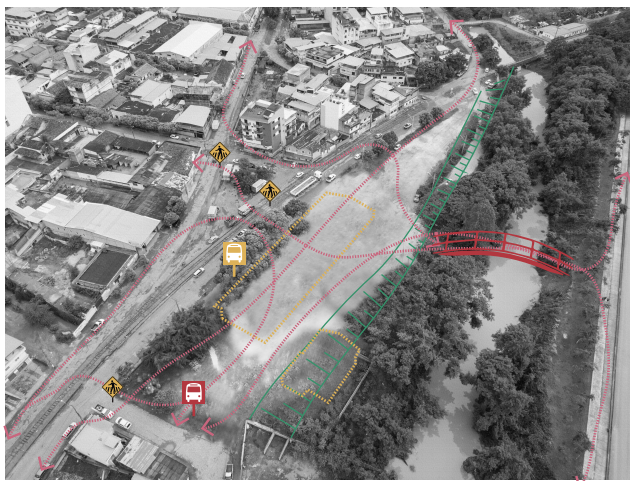


	alto fluxo de automóveis		novas travessias de pedestres
	médio fluxo de automóveis		ponto de ônibus existente
	alteração no sentido da via		novo ponto de ônibus
	fluxo de pedestres		ponte peatonal

- Manutenção constante da pavimentação e das sinalizações de trânsito das ruas e avenidas do entorno;
- Avaliar a possibilidade de novas travessias para pedestres para potencializar o percurso ao longo da margem;
- Os pontos de conexão com as margens devem ser atrativos e receptivos, promovendo uma nova experiência de se vivenciar a cidade, valorizando a relação do transeunte com o Meia Pataca e sua paisagem, no ritmo do pedestre e/ou do ciclista;
- Construção de uma ponte peatonal para atravessamento entre a Rua José Maria Figueiredo Reis e o Mercado Produtor. O ponto de travessia deverá se localizar no ponto de menor largura do ribeirão, que está próximo e quase perpendicular à localização do edifício do mercado.
- A ponte de conexão entre as duas margens deverá, ainda, se inserir na paisagem de forma harmoniosa, buscando equilíbrio entre escala, materiais, tecnologias construtivas, proporção e natureza, sejam elas vistas do rio, das margens ou de qualquer outro ponto de visada;
- Qualificar os passeios públicos ampliando a área verde com pequenos ou canteiros generosos e arborizados;
- Garantir boas condições para o pedestre também nas ruas que dão acesso à região do Mercado. Principalmente na região entre a Estação Ferroviária e Manufatora;
- Propor ciclovia e passeios ao longo das bordas laterais que margeiam os trilhos da linha férrea desativada. Segregando ciclovia e passeio sempre que possível, havendo a necessidade de bicicletas e pedestres compartilharem o passeio, este deverá ter a largura mínima de 4,50m.
- Deve-se evitar ao máximo o acesso de automóveis ao espaço público às margens do rio. No entanto deve ser prevista infraestrutura necessária a veículos de carga e descarga, manutenção ou de socorro.
- Para aumentar a oferta de linhas de ônibus na “saída” do Mercado, criar um ponto de ônibus na Rua Leônidas Peixoto, que terá sentido de fluxo da via alterado.

estratégia 02: meio ambiente

Esta estratégia refere-se a ações que buscam priorizar o meio ambiente e reduzir os danos causados pelas cheias do ribeirão. Além de resgatar o protagonismo da natureza no recorte, recuperando a paisagem e a conexão dos usuários com a mesma.

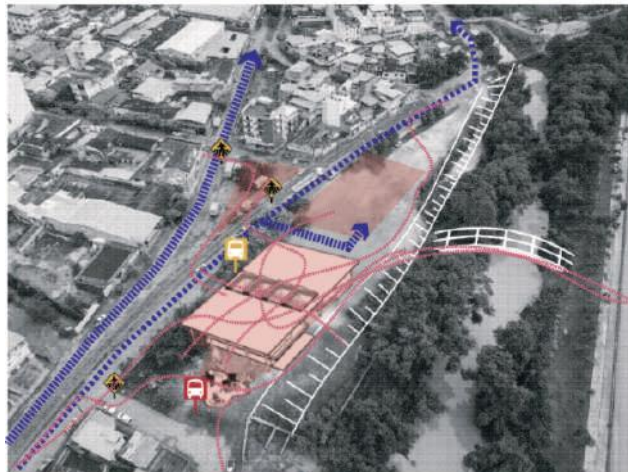


- | | |
|---------------------|-------------------------------|
| edifícios retirados | novas travessias de pedestres |
| fluxos de pedestres | ponto de ônibus existente |
| talude e contenção | novo ponto de ônibus |
| ponte peatonal | |

- Remoção do edifício do Sindicato dos Produtores Rurais, justificada pela localização em área de proteção permanente e de risco nas cheias.
- Remoção do edifício do Mercado Produtor, além de não possuir relevância arquitetônica e cultural, uma nova edificação, elevada do solo, previne danos e perdas com as inundações, que são frequentes na área.
- A nova edificação do Mercado e Sindicato, deverá se manter no mesmo local da antiga, justificada pela demarcação da APP que, neste ponto do terreno, possui maior área livre.
- Para aumentar a capacidade de contenção de água do rio, criação de taludes e contenções de concreto ao longo da faixa de proteção permanente (30m medidos a partir da margem), aumentando o nível em +3m.
- Conservar a vegetação existente e reflorestamento da mata ciliar, respeitando os diferentes estratos e ambientes de flora e de fauna.
- Recuperação do corpo hídrico.
- O resgate da paisagem do ribeirão e da própria cidade vista a partir dele, propondo espaços contemplativos que conduzam o olhar do transeunte a observar e perceber seu entorno, valorizando assim a paisagem urbana de Cataguases;
- Observação e respeito dos ciclos de vida naturais existentes, buscando inspiração nestes processos para projetar as soluções espaciais e construtivas;

estratégia 03: arquitetura e usos

Esta estratégia refere-se à criação de locais de permanência, de contemplação e de sociabilidade dos usuários do Mercado Produtor, nos quais a interação com a natureza se dá de forma mais completa. Corresponde a diversas soluções projetuais como o novo edifício do Mercado e Sindicato, jardins, “janelas para o rio”, playground com biorretenção, ponte atravessando a margem, entre outros.



- | | |
|---|---|
|  arquitetura proposta |  novas travessias de pedestres |
|  fluxos de pedestres |  ponto de ônibus existente |
|  talude e contenção |  novo ponto de ônibus |
|  alto fluxo de automóveis | |
|  médio fluxo de automóveis | |
|  ponte peatonal | |

- Soluções de desenho urbano e tecnologias construtivas inovadoras e de baixo impacto ao meio ambiente que sejam também catalisadoras da mudança de hábitos da população e dos gestores nas formas de construção, apropriação e uso dos espaços públicos da cidade.
- Um ambiente convidativo para a vida urbana cotidiana, com programas diversificados, atividades e qualidade de lazer.
- Boas e variadas oportunidades de assento e descanso.
- Conforto sensorial aos usuários (visual, olfativo, auditivo, temperatura).
- O novo mercado deve conter programa que, além das vendas, inclua restaurantes, bares e espaço para manifestações culturais. Além disso, deverá abrigar o Sindicato de Produtores Rurais na mesma edificação.
- Melhoria e expansão do estacionamento que, devido à demanda e segurança, deve ser monitorado. O estacionamento deverá possuir pavimentação permeável, priorizando o escoamento de águas pluviais.
- Na praça em frente ao Mercado, qualificar o espaço público, oferecendo assentos, sombreamento e manter a escultura existente. Além disso, o espaço será dividido entre pessoas e os caminhões de frete que, atualmente, estacionam no local de forma desordenada.

o ensaio

Um Mercado Público, por si só, já remete à democracia exercida em seu espaço. Deve ser acessível à toda a população e deve ser palco para as diversas formas de interação sociocultural de uma sociedade. O Mercado Produtor, inserido no tecido urbano da Vila Domingos Lopes, não se conecta com o bairro e nem permite apropriações, realizando apenas suas funções primárias. Pautada neste fato, a construção de um novo mercado, respeitando os fatores urbanísticos e sociais relevantes, busca fazer com que o mesmo atue além de suas características primárias e passe a ser um equipamento de articulação dentro do bairro e da cidade.

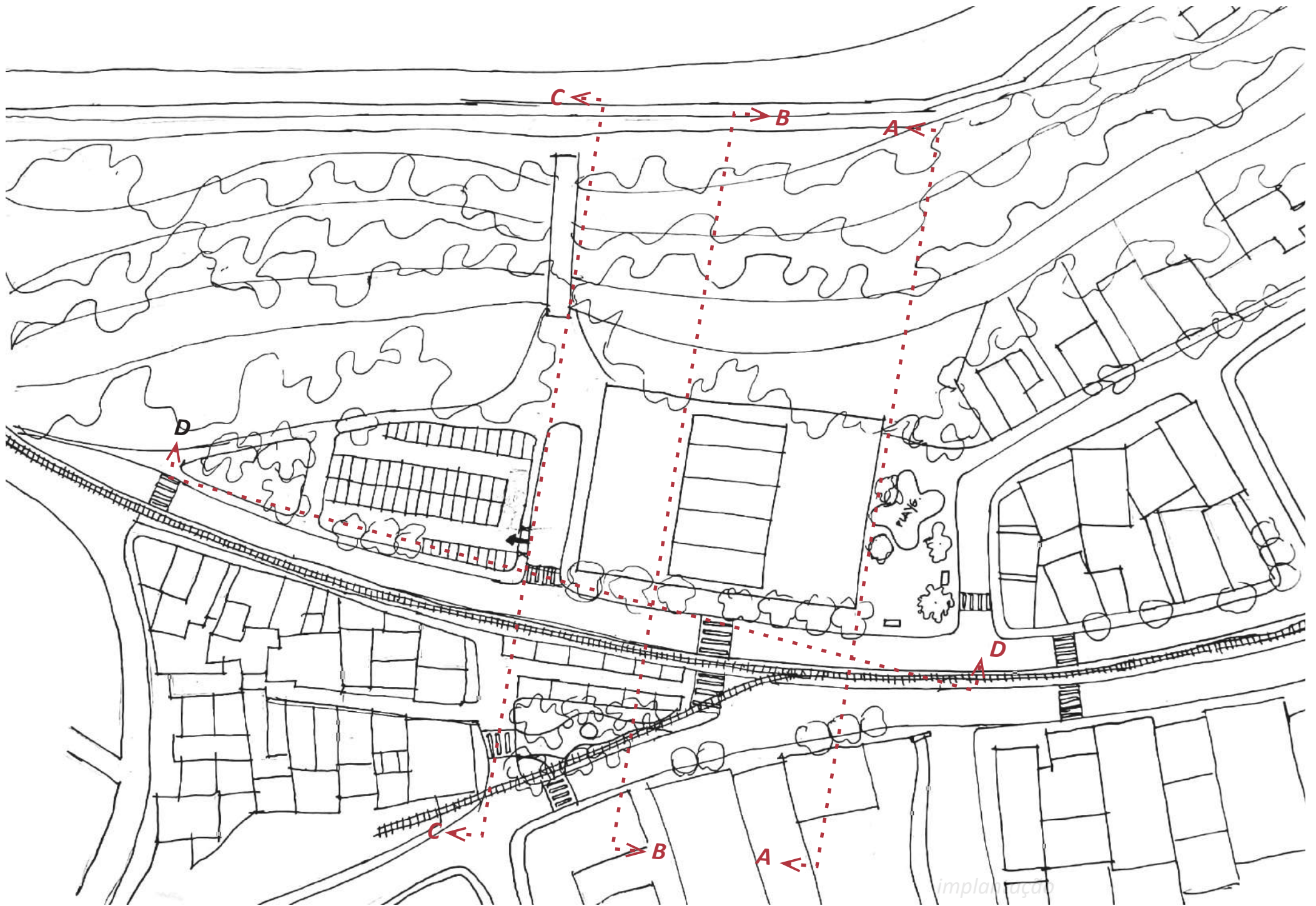
A intenção do projeto é que o equipamento de mercado funcione como um catalisador do espaço público, proporcionando diversas atividades tanto em seu interior como no seu entorno. Portanto, o Mercado, obrigatoriamente, deve se abrir para a cidade, tornar-se permeável e permitir diferentes tipos de fluxos.

As diretrizes paisagísticas foram pensadas para proteger a área do terreno em épocas de chuvas intensas, já que se trata de uma área propensa a alagamentos constantes.

As áreas verdes foram propostas com a intenção de aumentar a infiltração das águas pluviais no solo e permitir novas formas de lazer ao usuário e, também, contribuir para o cenário paisagístico e urbanístico do bairro.

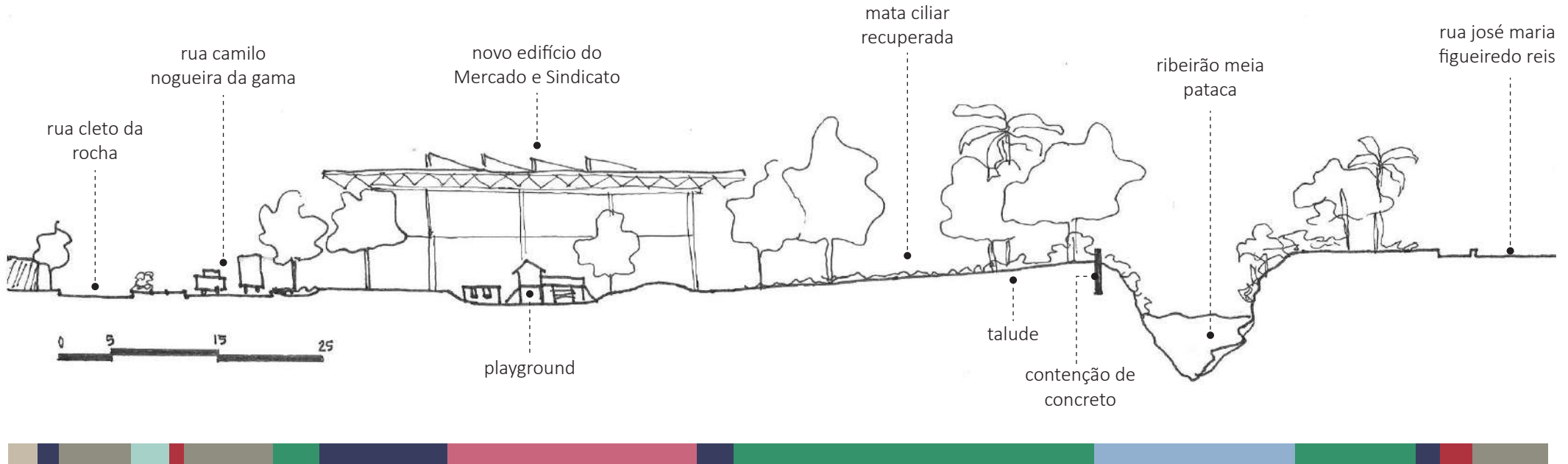
O projeto do edifício do Mercado oferece novos espaços com infraestrutura para serem apropriados pelos feirantes, restaurantes e sindicato. As novas lojas foram pensadas em módulos 2x2m, 2x4m e 4x4m. São módulos que atendem aos diferentes comércios que existem hoje e os que poderão surgir. O gesto de “abrir” o Mercado no nível do térreo e entender esse espaço como continuação do que está dentro e fora, fortalece a ideia de entrelaçamento da malha do edifício e da cidade, ao transformar o limite em uma membrana “invisível” e permeável.

Além da abertura do térreo, aprimora-se a transversalidade e os fluxos, através do escalonamento do programa, que permite que o usuário, através das rampas e percursos, faça, através de sua própria experiência, o reconhecimento do Mercado e do espaço.





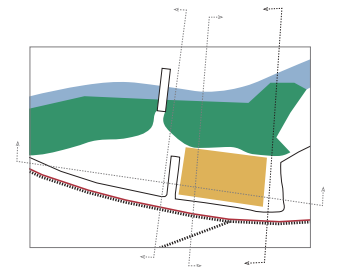
implantação

corte aa

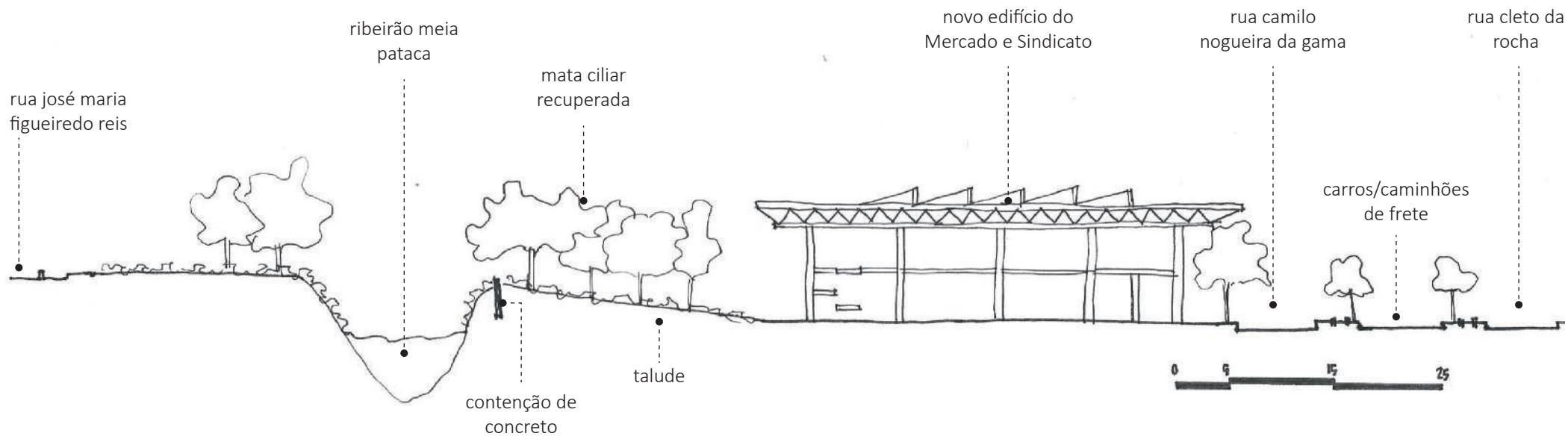


LEGENDA




- | | |
|--|--|
|  mercado produtor |  vias urbanas e estacionamento |
|  jardins, mata ciliar e área de proteção |  playground, praça e equipamentos |
|  área edificada |  ciclovia |
|  passagem ou uso exclusivo de pedestres |  linha férrea |
|  ribeirão meia pataca | |

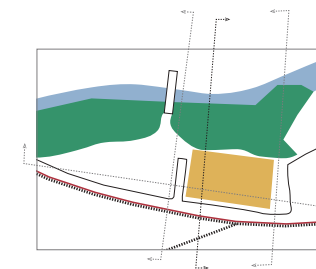


corte bb

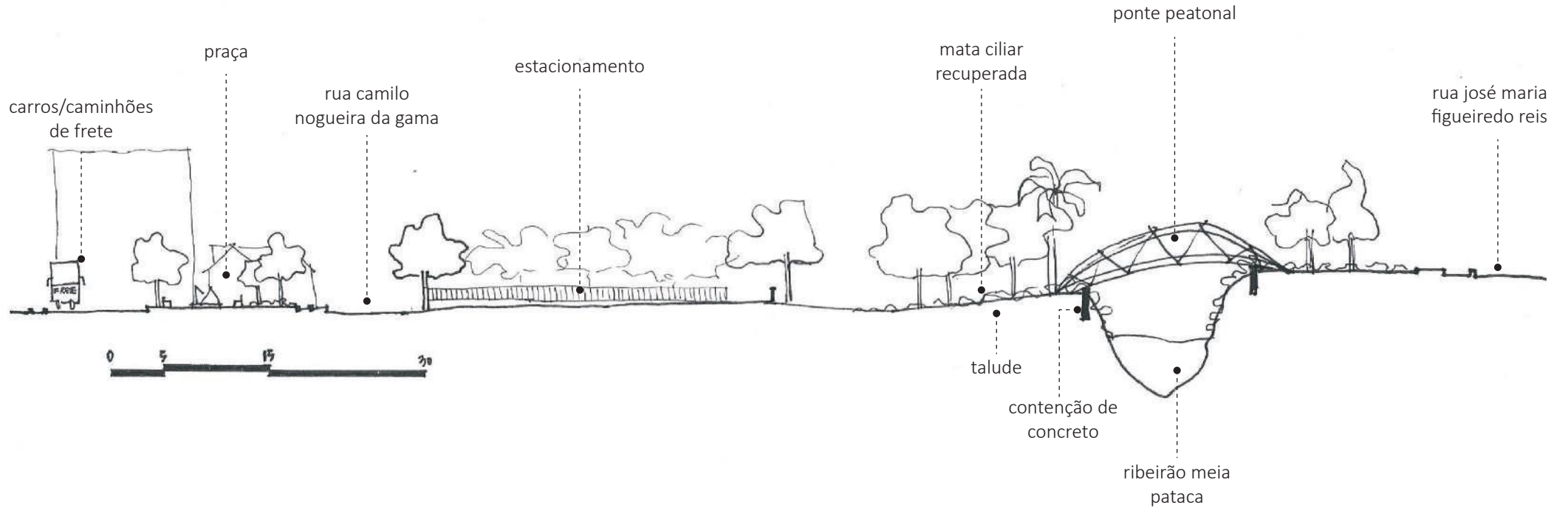


LEGENDA




- | | |
|--|--|
|  mercado produtor |  vias urbanas e estacionamento |
|  jardins, mata ciliar e área de proteção |  playground, praça e equipamentos |
|  área edificada |  ciclovia |
|  passagem ou uso exclusivo de pedestres |  linha férrea |
|  ribeirão meia pataca | |

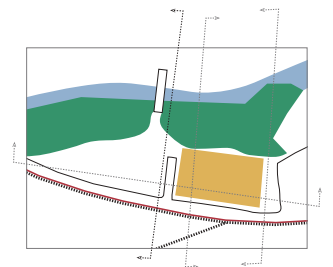


corte cc



LEGENDA










- | | |
|--|--|
|  mercado produtor |  vias urbanas e estacionamento |
|  jardins, mata ciliar e área de proteção |  playground, praça e equipamentos |
|  área edificada |  ciclovia |
|  passagem ou uso exclusivo de pedestres |  linha férrea |
|  ribeirão meia pataca | |

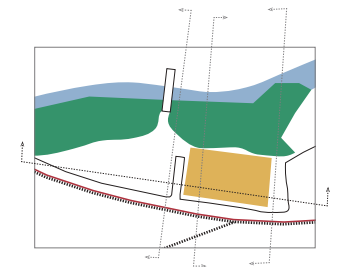


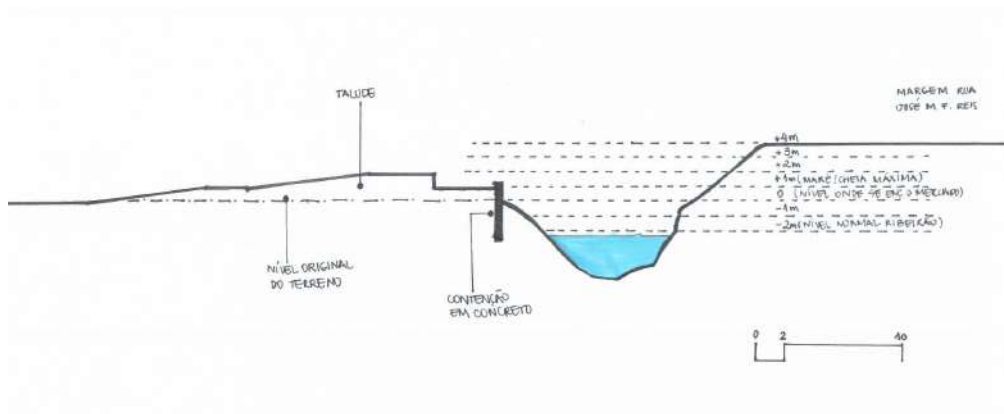
corte dd



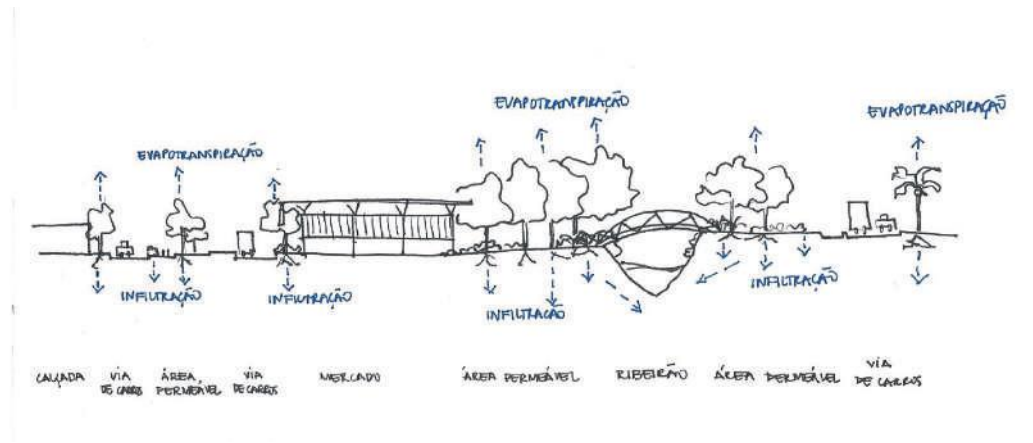
LEGENDA

- | | |
|---|--|
|  mercado produtor |  vias urbanas e estacionamento |
|  jardins, mata ciliar e área de proteção |  playground, praça e equipamentos |
|  área edificada |  ciclovia |
|  passagem ou uso exclusivo de pedestres |  linha férrea |
|  ribeirão meia pataca | |





esquema talude e contenção



águas pluviais



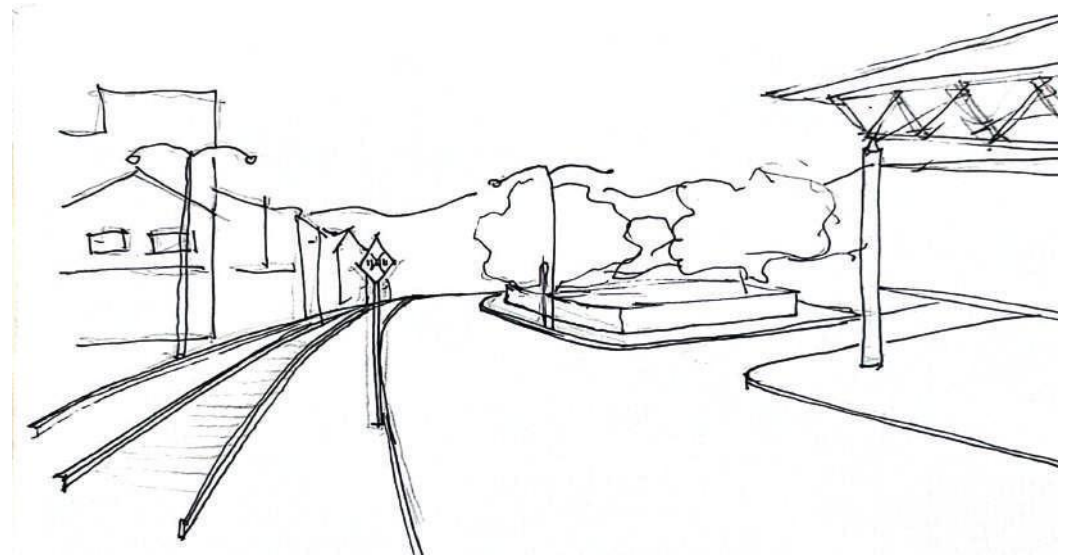
linha férrea e ciclovia



ponte peatonal - perspectiva



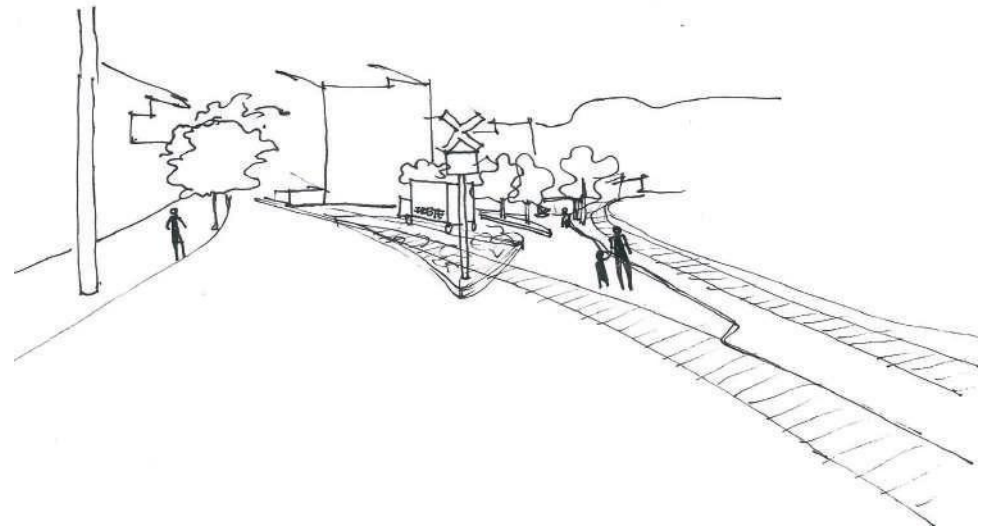
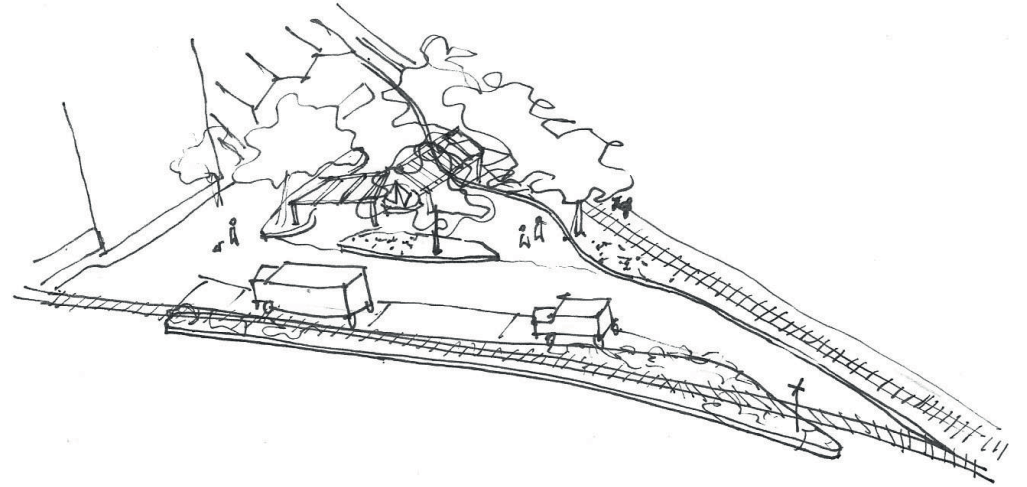
situação atual



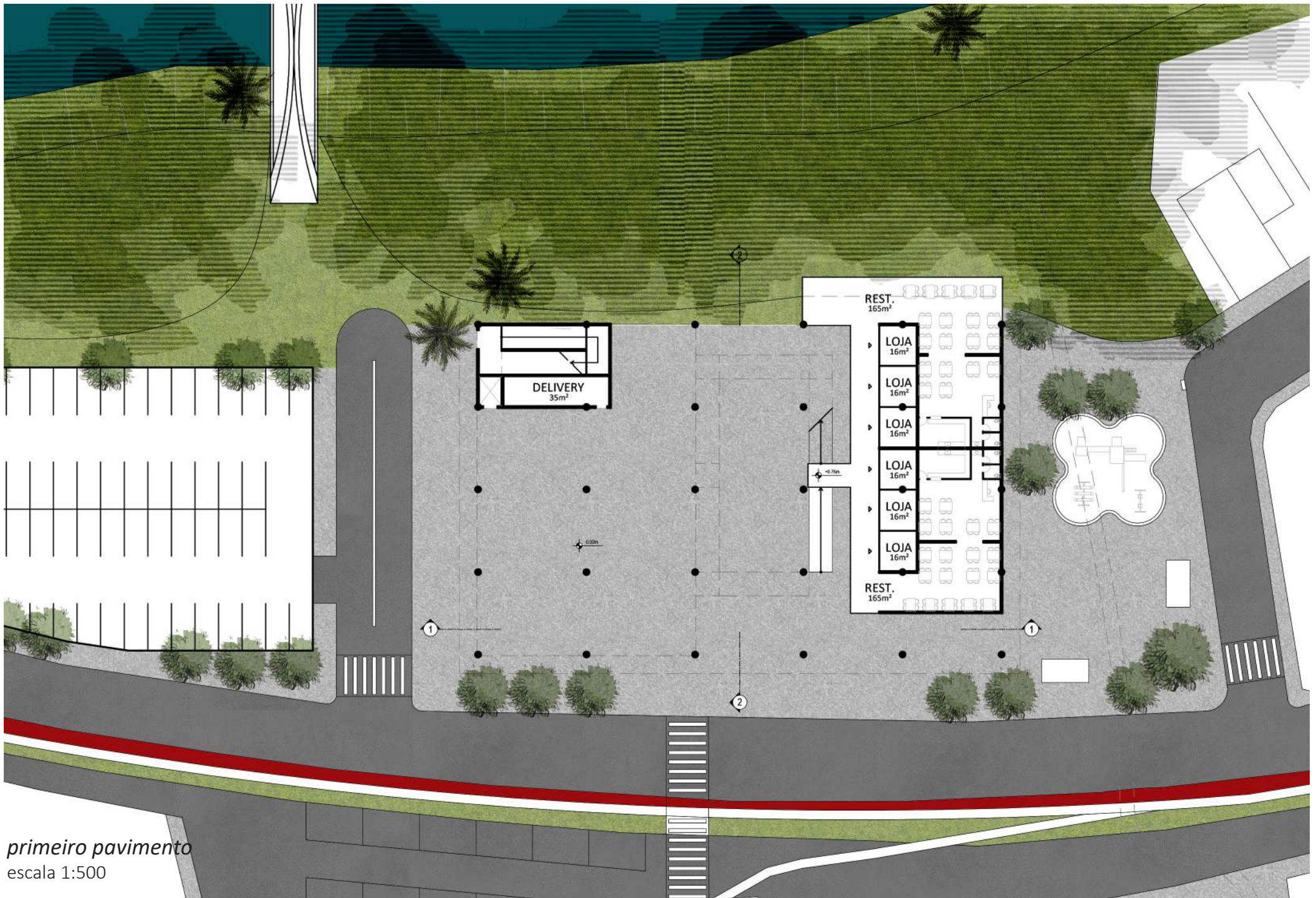
situação proposta



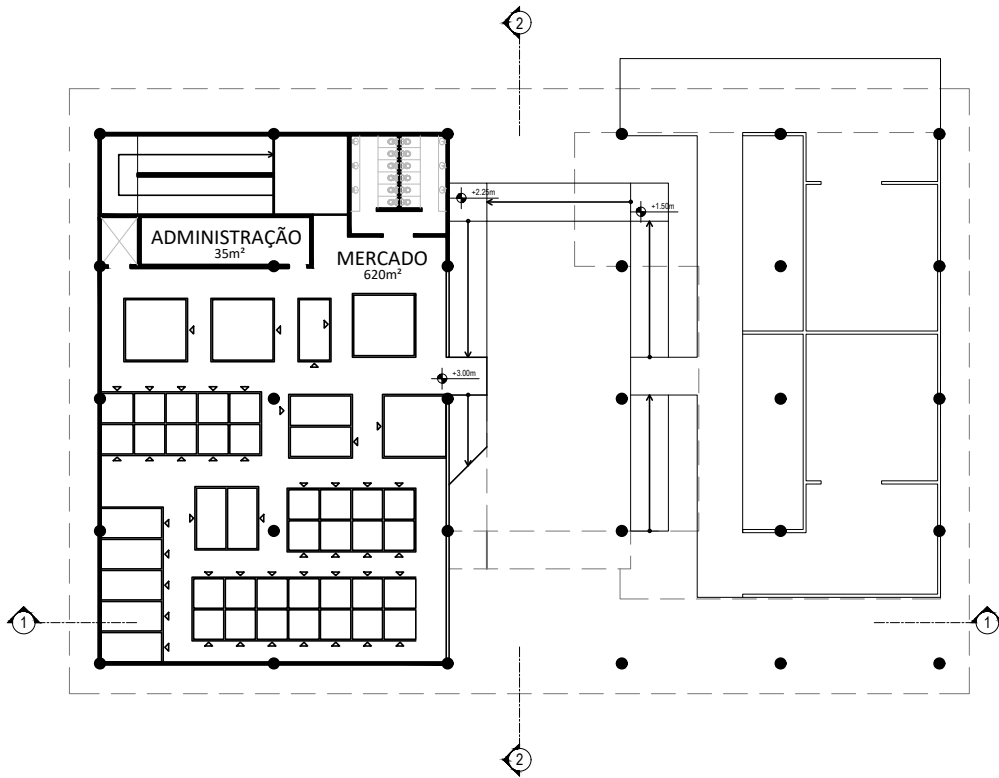
situação atual praça



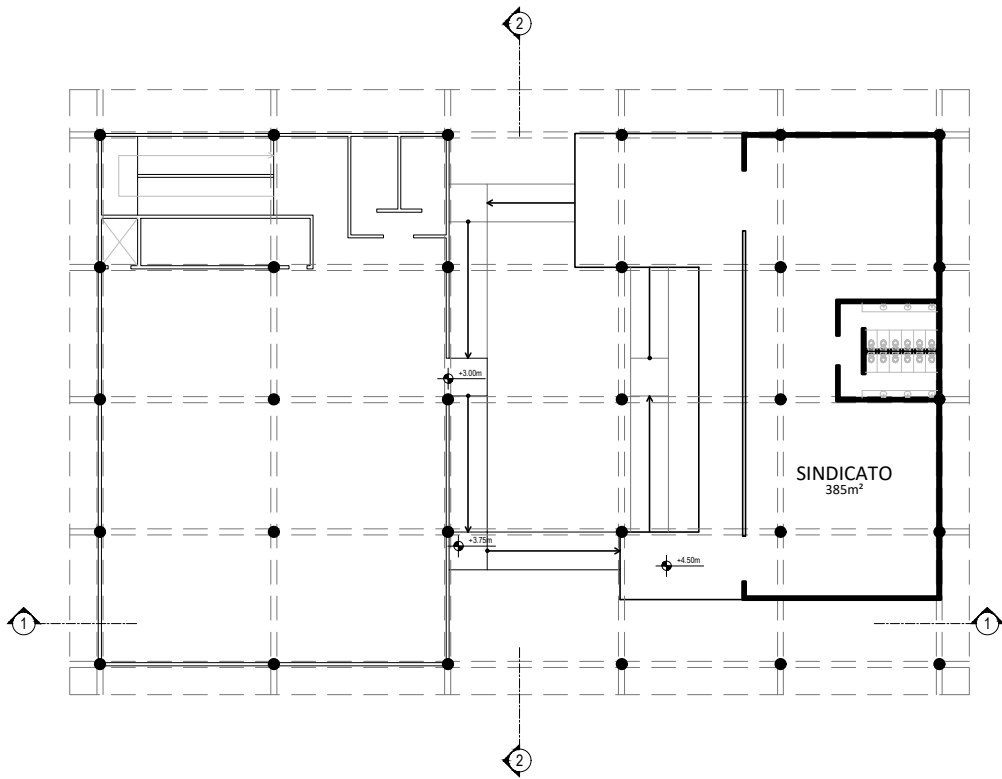
situação proposta



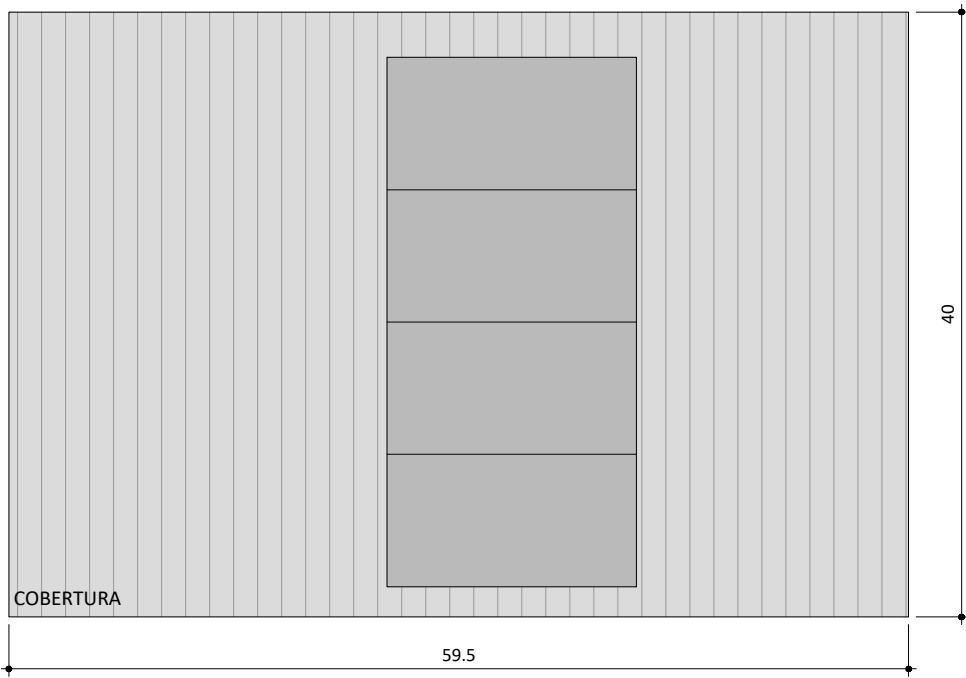
primeiro pavimento
escala 1:500



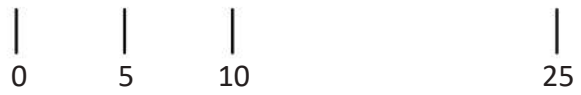
segundo pavimento
 escala 1:500



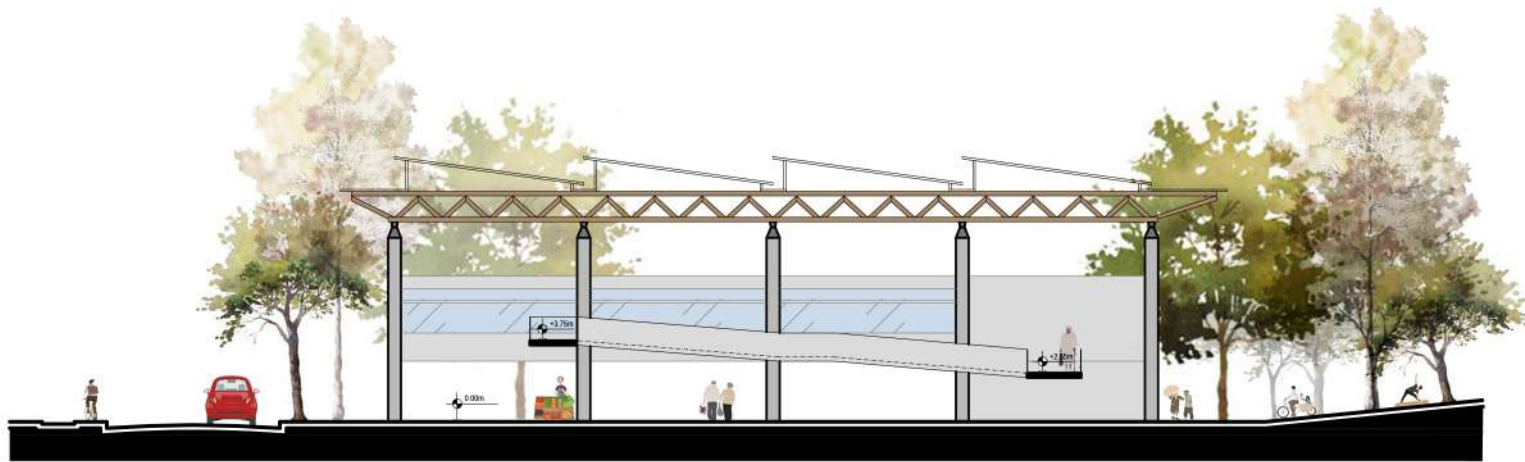
segundo pavimento
escala 1:500



cobertura
escala 1:500

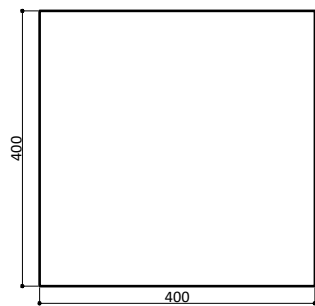
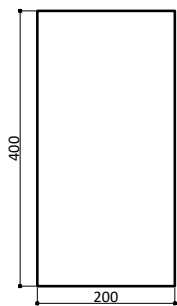
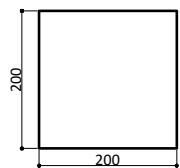


corte 01

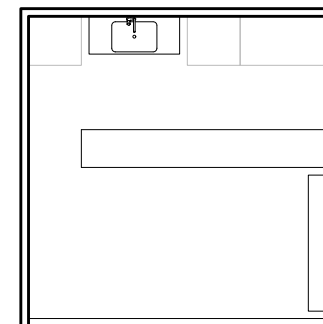
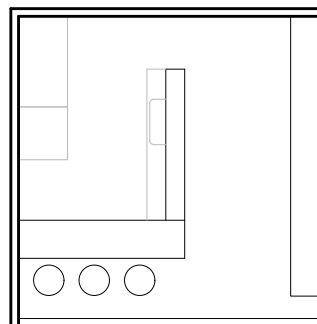
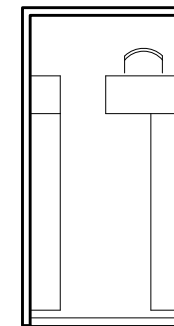
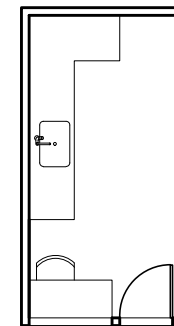
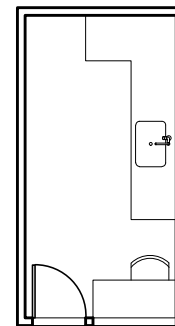
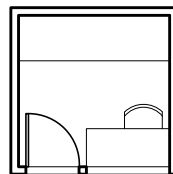


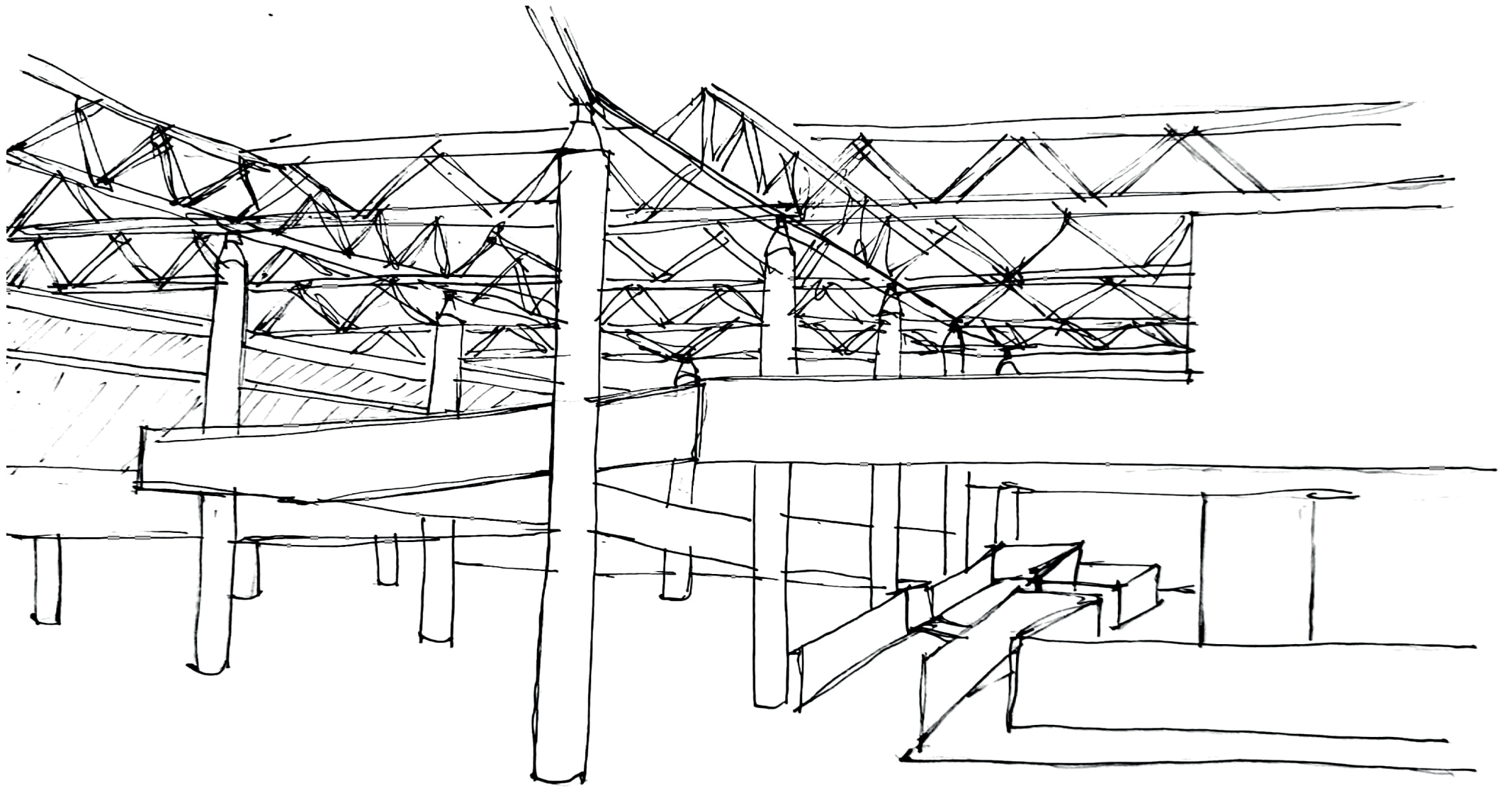
corte 02

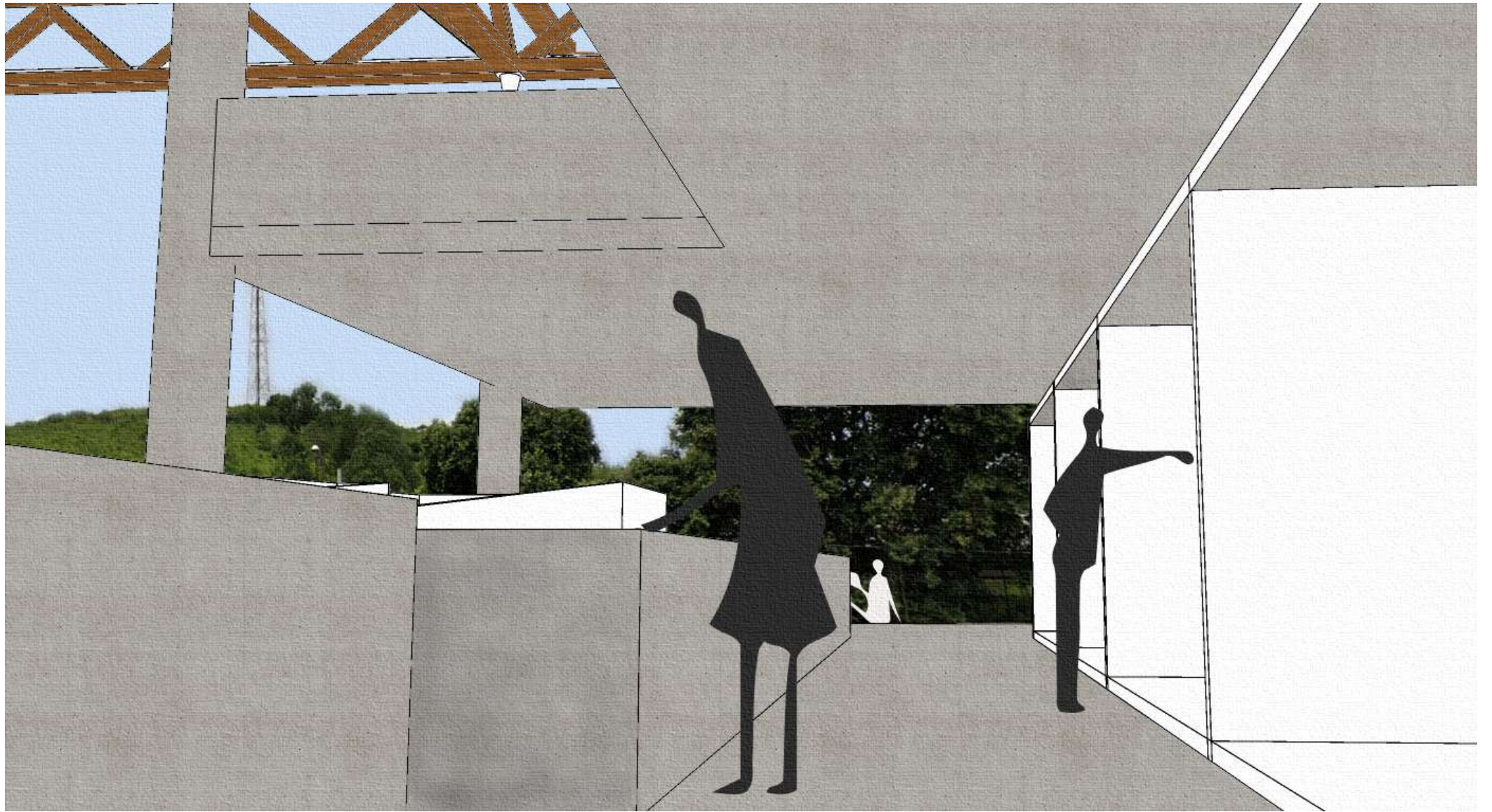
esquema lojas

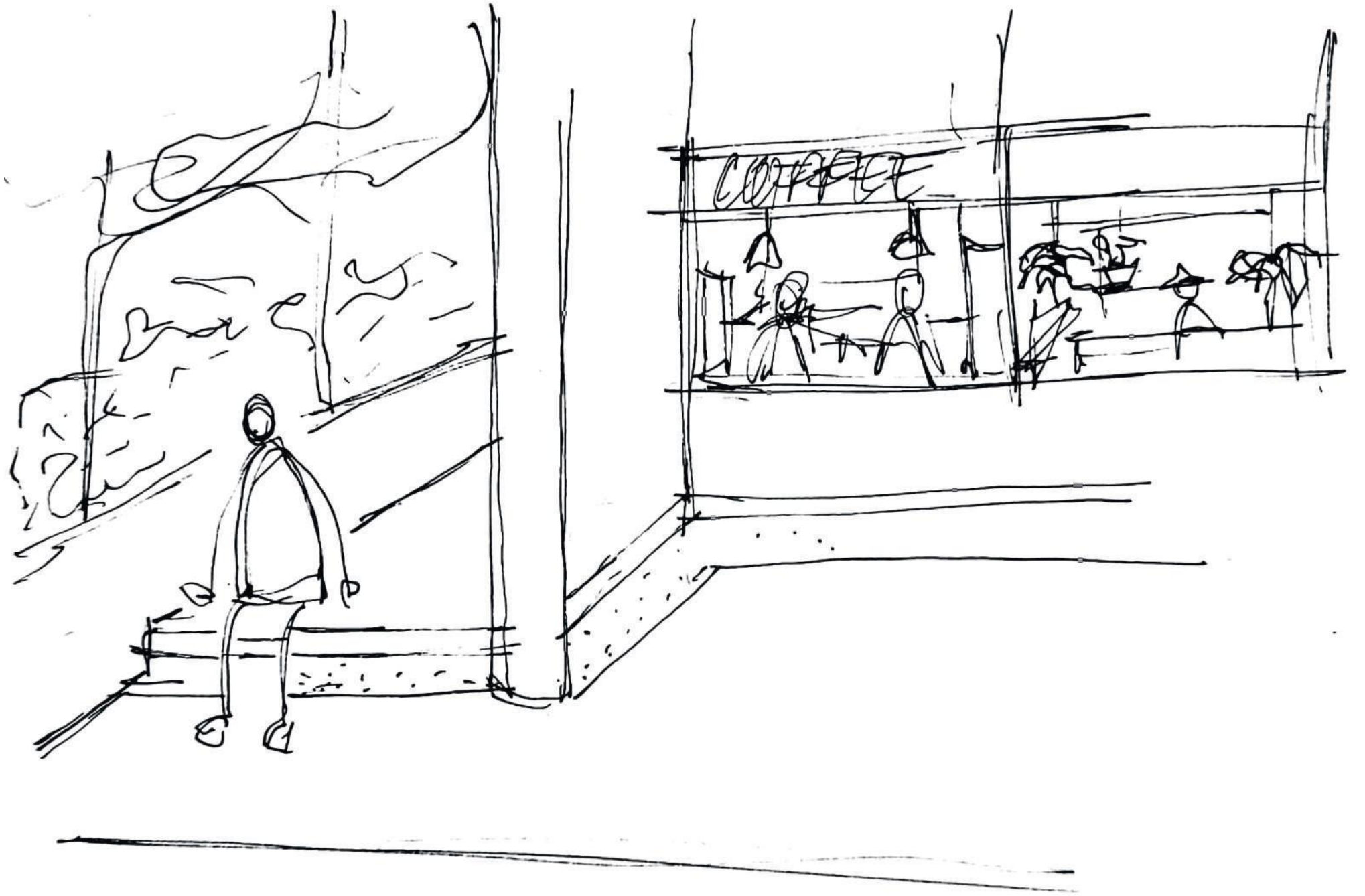


possíveis usos









bibliografia

ALONSO, Paulo H. A construção de um patrimônio cultural nacional: o tombamento federal de Cataguases, Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável) – Escola de Arquitetura – UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

ALONSO, Paulo H.(coord.). Guia da arquitetura modernista em Cataguases. Cataguases, MG: Instituto Cidade de Cataguases, 2012.

ALONSO, Paulo Henrique (Org.). Cataguases – arquitetura modernista: guia do patrimônio cultural. Belo Horizonte: Instituto Cidade de Cataguases/Rona, 2009.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço, 2ªe.d. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

BAHIA, Claudio Lister Marques. O edifício: fato cultural da arquitetura modernista de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura UFMG, 2001. (Dissertação, Mestrado em Arquitetura).

BRASÍLIA. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Processo de Tombamento – Cataguases/MG. 1994.

BORDE, A. Vazios urbanos: perspectivas contemporâneas. Tese de doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

CARDOSO, Maria Francisca Thereza C. Aspectos geográficos da cidade de Cataguases. Separata da Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, nº4, ano XVII, out/dez de 1955, p.423 – 446.

CARSALADE, Flavio de Lemos. Desenho Contextual: uma abordagem fenomenológico-existencial ao problema da intervenção e restauro em lugares especiais feitos pelo homem. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

COSTA, Levy Simões da. Cataguases Centenária. Dados para sua história. Cataguases,1977.

COUTO, Thiago Segall. Patrimônio Modernista em Cataguases: razões de reconhecimento e o véu da crítica In Arqutextos – Periódico Mensal de textos de Arquitetura. Vitruvius, 2004. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/05.054/527> > Acesso em 29 de maio de 2020.

CORRÊA, Elyane Lins. As últimas ruínas. In CORRÊA, Elyane Lins; GOMES, Marco Aurélio Filgueiras (Org). Reconceituações Contemporâneas do Patrimônio. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 67-99.

CORREA, Roberto Lobato. A geografia cultural e o urbano. In: Introdução à Geografia Cultural. Organizadores: Rozendahl, Zeny e Correa, Roberto Lobato. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p167-186.

CRUZ, Inácio Manoel N. F. Modernidade e homens de cultura: vocação cultural, religiosidade e outras ambiguidades no município de Cataguases. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Humanas – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2013.

DANTAS, Carlos Felipe Albuquerque. A “transformação do lugar” na arquitetura contemporânea, 2007. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília, Brasília. 2007.

ESCOLA DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Plano Diretor Participativo do Município de Cataguases (MG). Leitura da cidade. Belo Horizonte, 2006.

FREITAS, Jeanne Marie Ferreira. Paisagem urbana: uma abordagem geográfica contemporânea, 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação Tratamento da Informação espacial, Pontifícia

Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

KROPF, Elisabete. Arquitetura, turismo, sustentabilidade. Minha Cidade, São Paulo, ano 15, n. 172.01, Vitruvius, nov. 2014. Disponível em <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/15.172/5336>>. Acesso em 19 de setembro de 2020.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. 1ªe.d. São Paulo: Iluminuras Ltda.:Itaú Cultural, 2008

MAZIERO, Lucia Teresinha Peixe; BONAMETTI, João Henrique. Espaço urbano como comunicação: Signos da paisagem. Revista de Estudos da Comunicação, v. 14, p. 463-478. 2013

MELLO, Fernando Antônio Oliveira. Cataguases e suas modernidades. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal de Brasília. Brasília, 2014.

MIRANDA, Selma Melo. Cataguases: um olhar sobre a modernidade. 1994. Disponível em: < <http://www.asminasgerais.com.br/Zona%20da%20Mata/UnivlerCidades/modernismo/Arquitetura/index.html> > Acesso em 19 de junho de 2020.

SOLÁ-MORALES, I de. Territorios. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

TUAN, Yi-fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VANUCCI, Ulisses Lins. Subsídios para o estudo da imagem urbana de Cataguases: A região da Praça da Estação. 2012. Disponível em < <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MMMD-95GQFF> > Acesso em 23 de março de 2020.

obrigada!